



EX-LIBRIS



BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

HSC

W

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

RAYMUNDO CORRÊA

VERSOS E VERSÕES

(1883—1886)

—♦♦—
RIO DE JANEIRO

1887

VERSOS E VERSÕES

RAYMUNDO CORRÊA

VERSOS E VERSÕES

(1883—1886)



RIO DE JANEIRO

Typ. e Lith. MOREIRA MAXIMINO & C., QUITANDA 111 E 113

1887

AO SNR. FRANCISCO DE PAULA BALTHAZAR DE ABREU SODRÉ

em signal de grande affecto e reconhecimento
offerece este livro

O AUTHOR.

VERSOS E VERSÕES

* * *

SER moça e bella ser, porque é que lhe não basta ?
Porque tudo o que tem de fresco e virgem gasta
E destróe ? Porque atraz de uma vaga esperança
Fatua, aerea e fugaz, frenetica se lança
A voar, a voar ? . . . Tambem a borboleta,
Mal rompe a nympha, o estojo abrindo, avida e inquieta,
As antenas agita, ensaia o vôo, adeja ;
O finissimo pó das azas espanja ;
Pouco habituada á luz, a luz logo a embriaga ;
Boia do sol na morna e rutilante vaga ;
Em grandes doses bebe o azul ; tonta, espairose
No ether ; vôa em redor ; váe e vem ; sobe e desce ;

Torna a subir e torna a descer ; e ora gyra
Contra as correntes do ar ; ora, incauta, se atira
Contra o tojo e os sarçães ; nas púas lancinantes
Em pedaços faz logo as azas scintillantes ;
Dá tenue escama de ouro os resquícios mesquinhos
Presos lhe vão ficando á ponta dos espinhos ;
Uma porção de si deixa por onde passa,
E, enquanto ha vida ainda, esvoaça, esvoaça,
Como um leve papel solto á mercê do vento ;
Pousa aqui, vóa alem, até vir o momento
Em que de todo, emfim, se rasga e dilacera . . .

Oh ! borboleta, pára ! Oh ! mocidade, espera !

Maio, 84.

Um soneto de Lope de Vega

(A FRANCISCO SODRÉ)

LUCINDA, a loura, quando a um'ave abria,
Certa vez, a gaiola, a prisioneira,
Da gaiola escapando-se ligeira,
Deixou confusa a moça... E esta dizia :

« Ave, porque me foges e, erradia,
Vôas ? Talvez, nos bosques forasteira,
Laço, armadilha, ou bala traiçoeira
De mendaz caçador te aguarde, um dia !

Porque ao risco e ao perigo dás a vida ?
Porque... ?»— Mas n'isto, de queixosa, em pranto
Desfez-se toda a pallida senhora . .

E a ave á gaiola volta commovida,
Commovida por vê-la a chorar tanto,
Que tanto pode uma mulher, que chora.

Fevereiro, 86.

Temor

ESSES momentos breves
De ventura, e em que um raio doce aclara
Um trecho á tua tenebrosa vida,
 Saboreal-os debes ;
Esses momentos de fugaz ventura.
— Esta é como exquisita fruta rara,
Por muito rara, muito appetecida ;
Fruta, cujo sainete pouco dura,
Saboreada com vagar, embora ;
Deleita o gosto, assim saboreada,
Porem, soffregamente devorada,
Machuca e sangra a bocca, que a devora.

Que esse labio sorria
Emquanto a dor sopita não desperta,
Nem vem do intimo goso, que elle cala
Discreto e silencioso,
Nenhum rumor alegre desperta-a.
Como um vinho acre-doce, da alegria
Ao saibo ás vezes mescla-se o amargoso
De uma tristeza incerta
E vaga. . . Aos tristes disfarçal-a custa ;
Pois, por um só prazer, mesquinho e raro,
A desventura cobra-se tão caro,
Que aos tristes o menor prazer assusta !

Agosto, 86.

Desdens

REALÇAM no marfim da ventarola
As tuas unhas de coral — felinas
Garras, com que, a sorrir, tu me assassinas,
Bella e feroz. O sandalo se evola,

O ar cheiroso em redor se desenrola ;
Batem-te os seios, arfam-te as narinas...
Sobre o espaldar de seda o torso inclinas
N'uma indolencia morbida, hespanhola.

Como eu sou infeliz ! Como é sangrenta
Essa mão impiedosa, que me arranca
A vida aos poucos, n'esta morte lenta !

Essa mão de fidalga, fina e branca ;
Essa mão, que me attráe e me afugenta,
Que eu afago, que eu beijo, e que me espanca !

Maio, 83.

Cœrulei Oculi

(TH. GAUTIER)

CERTA mulher mysteriosa,
Que me allucina, costuma
Manter-se em pé, silenciosa,
Junto ao mar, que ferve e espuma .

No olhar onde o céu se pinta,
Que palheta singular,
Ao amargo azul a tinta
Glaucã mistura do mar ? !

Na languorosa pupilla
Boia uma tristeza vaga,
E a lagryma, que vacilla
E rola, o seu lume apaga.

Lembram-me os cilios suaves,
A palpitár, branca e exul
Tribu de aquaticas aves
Sobre o indefinido azul..

Qual d'agua no transparente
Prisma, do olhar se devassa
No fundo, nitidamente,
Do rei de Thule a aurea taça ;

E, entre a alga e o sargaço, a gemma
Mais rara deslumbra, e estão
De Cleopatra o diadema
E o anel do rei Salomão ;

E a irradiação irisada
Das pedrarias se accende ;
E a corôa da ballada
De Schiller fulge e resplende.

Mago prestigio me enleia
E ao fundo abysmo de luz
Me arrasta, como a sereia,
Que a Harald Harfagar seduz.

Me arrasta á ignota voragem,
Até que eu n'ella me arroje
Trás da impalpavel imagem,
Que, aerea e fatua, me foge.

N'agua esconde a nympha bella
A cauda argentea; e o brancor
Da espadua lisa revela,
Corando, da espuna á flor. .

Incha, e, como un seio, arqueja
A vaga; em morbido accento,
Na cava concha, solfeja,
Soluça, resona o vento. . .

« Vem, reclina-te em meu leito
De ambar, e o saibo de fel
Das ondas vcrás; desfeito,
Manar-te da bocca, em mel;

« O pelago estoura e zune
Por cima ; e a paz aqui mora
Sem que o rumor a importune
Das tempestades de fora ;

« Vem ! Sem tédio, nem bocejos,
O esquecimento immortal
Bebamos juntos, dos beijos
Pelo copo de coral ! »

Assim é que a voz me falla,
D'esse olhar, que me extasia ;
E ao fundo d'agua, a escutal-a,
Desço ; e o hymeneu principia..

Março, 86.

Chuva e Sol

AGRADA á vista e á phantasia agrada
Ver-te, atravez do prisma dos diamantes
Da chuva, assim ferida e atravessada
Do sol pelos venabulos radiantes .

Vaes e molhas-te embora os pés levantes ;
— Par de pombos, que a ponta delicada
Dos bicos mettem n'agua e, doidejantes,
Bebem nos regos cheios da calçada.

Vaes, e apezar do guarda-chuva aberto,
Borrifando-te, colmam-te as gotteiras
De perolas o manto mal coberto ;

E estrellas mil cravejam-te, fagueiras,
Estrellas falsas, mas que, assim de perto,
Rutilam tanto, como as verdadeiras.

Junho, 84.

Aspasia

(A FILINTO DE ALMEIDA).

Ao clarão oriental do sol ; da balsamina,
Doce, pelo nariz bebendo a essencia fina ;
Do labio a polpa a abrir, mais humida e vivaz,
Que a polpa sumarenta e rija do ananaz ;
Com as mãos a soste dos seios copiosos
O gemo e branco par, os dois limões cheirosos,
Os dois globos de neve humana ; e o largo olhar
Embedando em luz ; toda a se espreguiçar,
N'um espreguiçamento e n'um bocejo estranho,
Aspasia vacillava antes de entrar no banho . . .
Como a expellir do somno os fluidos mais subteis,
Os membros distendia, ás curvas e aos quadris
As linhas desmanchando, ondulosas, redondas . . .
Borborinhava em baixo o rio arfando em ondas,

E, frio, a borbotar em tumidos cachões.
E, por cima, enredando as folhas, os festões,
O viço vegetal e a laçaria brava,
Sobre ella a brenha verde e em flôr se abobadava.
Um favonio importuno e lubrico, veloz,
Desnastrava-lhe á coma os negros caracões,
E, descompondo-a, ao ar lhe erguia a escumea fralda...
Finalmente ella entrou na liquida esmeralda,
Pouco a pouco... metteu, primeiro, o leve pé
De jaspe e rosa, e após cingia-a já até
Quasi ao meio da branca e deliciosa perna
A agua, a se desfazer n'uma caricia terna...
Mas um berro brutal, de subito, atroou,
E no ambiente aromado activo se espalhou
Esse *olor* especial de que falla, no idyllio
Agreste e pastoril das Eclogas, Virgilio;
Entre as moitas estava a contemplar-lhe os mil
Encantos da nudez e o busto feminil,
Com olhos de lascivia e de voluptia mornos,
Um satyro enramado, um Corydon de cornos,
Um bode emfim... Sorpresa, ella olhou para traz,
Estremeceu, e vio-se então a cousa mais
Estranha e original, que imaginar se pode:—
O bode a perseguil-a, e ella a fugir do bode!...

Maio, 83.

O Somno de Leilah

(LECONTE DE LISLE)

CALMO estio ; a agua viva não murmura,
Nem ave alguma as azas bate, arisca ;
Apenas, leve, o « bengali » belisca
Da rubea manga a polpa aurea e madura ;

No parque real, á sombra verde-escura
Das latadas, a languida mourisca
Leilah repousa á sésta... O sol faisca
N'um céu de chumbo ardente, que fulgura...

Opprime o rosto o braço contrafeito ;
O ambar do pé sem meia, docemente,
Colóra as malhas do pantufo estreito ;

Dorme e sonha, e, sorrindo, o amante chama,
O labio a abrir — fructo aromado e quente,
Que o coração refresca e a bocca inflamma.

Abril, 85.

(J. Richepin)

P'RA te enfeitar as tranças pretas
 E luxuosas,
Cravos colhi, colhi violetas
 E colhi rosas ;
Fiz um *bouquet*, e sacudi-o
 Ante essa face,
P'ra que o cheiroso orvalho frio
 A borrifasse ;
Logo p'ra traz o corpo inteiro
 Torces, fugindo
Aos pingos de ouro do chuveiro ;

E rindo, e rindo,
E rindo, os longos cilios fechas
Galantemente,
E, enchendo de ar bocca e bochechas,
Sopras, fremente.
Sopras, e as flores, d'hastea soltas,
Se desfolhando,
Dispersas no ar gyram revoltas,
Torvelinhando...
E todas vão-se em revoadas :
Cravos, violetas
E rosas... flores transformadas
Em borboletas.

Julho, 84.

Noites de Inverno

EMQUANTO a chuva cáe, grossa e torrencial,
Lá fora ; e emquanto, oh bella !
A lufada glacial
Tamborila a bater nos vidros da janella ;

Dentro, esse aureo torçal
Do cabelo, que, rico, em ondas se encapella,
Deslaça ; e o alvor ideal
Do teu corpo á avidez do meu olhar revela ;

Porque, á avidez do olhar
Do amante, é grato, ao menos,
D'estas noites no longo e monotono curso,

— Claro como o luar —
Ver um busto de Venus
Surgir nú d'entre as lans e d'entre as pelles de urso.

Junho, 84.

Um trecho de H. Heine

(AO DR. LUCINDO FILHO)

REFRESCA o vento dos desertos, morno,
Movendo a molle e inquieta ventarola
Das palmeiras, e, á flux, gyrando em torno
Da verde selva rumorosa e vasta ;
As antilopes olhos receiosos
Cravam no páramo, onde o Ganges rola
E o regio manto grosso e longo arrasta
 Franjado de ouro e espumas ;
E onde passeia o bando triumphante
 Dos pavões orgulhosos,

Abrindo o arco-iris vivo e rutilante
Das caudas e das plumas .

No esplendor solitario
Das paragens fecundas e viçosas,
Inundadas de sol, e onde somente
Passa o estúpido e tardo dromedario
De algum longe areal da Arabia vindo ;
E de onde alem vislumbra-se a corôa
Do Hymalaya entre a nevoa e a luz ; resôa
O cantico plangente
De Kokila :—« Oh formosa das formosas,
Vem ! Abro-te os meus braços !
D'esse semblante oval nos finos traços
O deus do amor se occulta, o ignoto Kama,
Silencioso dormindo
Dentro das alvas tendas cor de opala,
Dentro dos amplos pavilhões erguidos
Á sombra perfumada de teus seios . . .
Desditoso é quem ama,
E pela bocca, em vão, toda a alma exhala
Em queixas e gemidos,
Em soluços e anceios ! . . .
E no teu largo olhar negro e profundo
Para onde esta alma delirando corre,

E onde eu em mergulhal-a me deleito,
Descobre esta alma triste um novo mundo,
Ante o qual acha estreito, muito estreito,
Este outro onde ama, onde palpita e morre !...»

Março, 86

Na primavera

DESPERTOU ; e eil-a já, fresca e rosada,
No campo em flor, que se atavia e touca
Da primavera ao bafo, e onde é já pouca
A neve, ao sol fundida e descoalhada ;

E em sua tremula, infantil risada,
A bocca abrindo, patenteia, a louca,
Rico ~~o~~scrinio de perolas da bocca
Na pequenina concha nacarada ;

Quebra as papoulas e despenca as rosas ;
Passa entre os jasmineiros, que se agitam,
Ás vezes célere e pausada ás vezes ;

E, sob as finas roupas ondulosas,
Seus leves pés, precipites, saltitam,
Pequenos, microscopicos, chineses . . .

Julho, 84.

SOB o chuveiro de ouro da madeixa
Solta e sem nastros da formosa dona,
O alvo maltez os fulvos olhos fecha ;
E, na fofa e na tepida almofada
 Do collo da Rainha,
Onde nervoso e electrico se aninha,
Aos regalos da sésta se abandona.
Ninguem lhe vê, por certo, o golpe agudo,
 A lanceta acerada,
A garra occulta, da graciosa pata
 No estojo de velludo . . .

Tambem a mão ingrata,
A clara e debil mão, que, carinhosa,
Com um afago e um mimo em cada dedo,
Lhe acaricia a felpa voluptuosa
Do tenro dorso . . . apenas, muito a medo,
Fugaz e só em rapidos instantes,
Vaga e indistinctamente,
O sangrento coral das lancinantes,
Das caprichosas unhas mostra á gente . . .

Novembro, 84.

Aria nocturna

DA janella, onde, olhando para fora,
Bebes da noite o incenso em longos tragos,
Claro escorre o luar.. Em sonhos vagos,
Atraz da sombra espreita, rindo, a aurora.

Longe uns dolentes, musicos afagos,
Sentes?... Não é o rouxinol, que chora
Nas balsas, nein o vento que desflora
A toalha friissima dos lagos...

É elle, e vaga toda a noite, emquanto
O luar macilento e o campo floreo
Tressuam molle e perfido quebranto ;

Não lhe ouças, filha, o canto merencorio ;
Fecha a janella e foge, que esse canto
Vem da guitarra de D. Juan Tenorio.

Maio, 84.

A Venus de Vienna

(ARMAND SYLVESTRE)

QUANDO—oh deusa pagan, cujo esplendor fulmina —
De ignoto artista a mão, á rija entranha dura
Do marmore, arrancou-te a estatua peregrina,
N'elle fixou tambem, perpetua, a formosura ;

N'elle a imagem talhou, immortal e profunda,
Onde descobre o olhar, em lubrica vertigem,
A amante despiedada e a mulher-mãe fecunda,
Fonte de todo o bem, de todo o mal origem.

Com duplo e largo esforço arredondou-te o flanco,
Dos solidos quadris torneou-te a opulencia,
E inclinou d'essa espadua o longo sulco branco
Ao jugo da caricia e ao jugo da insolencia.

Sob o collo bojou, entumeceu-te os seios
Robustos ás paixões, e onde vêm arquejantes,
Sitibundos beber, como em dois tanques cheios,
Os labios infantis e as boccas dos amantes.

E no ventre, ante o qual os sentidos se insurgem,
Rasgou-te amplo, a cinzel, o boqueirão mundano,
Onde entram gerações, de onde gerações surgem,
Como, sem trégua, o fluxo e refluxo do oceano...

Pois, quando o homem succumbe ao tédio e á vida, é quan
O amor com braço firme o empuxa e arroja, um dia,
Como um bronco animal, bebado e cambaleando,
No abysmo em cujo fundo o seu nada jazia...

Janeiro, 85.

Passeio matinal

DESPERTA e vem ! O vento borborinha
Pelos coqueiros tremulos ; dardeja
O sol ; e a luz sadia a alma deseja
Bebel-a aos góles . . Ergue-te e caminha .

Minh'alma os teus anhelos acarinha,
E, unida á tua, junto d'ella, adeja .
Mas tão unida, que eu não sei qual seja,
Qual seja a tua, nem qual seja a minha . . .

Rasga o cofre dos risos, como a aurora ;
E ambos vamos, assim, rindo e cantando,
Cantando e rindo, pelo bosque afóra . . .

E, ahi, das aves o medroso bando
Nos ninhos a espantar, vamos agora,
Como aves de outro genero, enxotando.

Dezembro, 84.

(V. Hugo)

O dia acorda ! Deus por uma fresta
Das nuvens a espreitar, ri-se. A floresta,
O campo, o insecto, o ninho sussurrante,
A aldeia, o sol que tinge a serrania . . .
Tudo isso acorda, quando acorda o dia
No fresco banho de ouro do Levante.

Deus sonha ! Vasa os olhos d'agua ; pica
As arterias da terra ; o liz fabrica ;
E da materia sonda o fundo ovario ;

Pinta as rosas de branco e de vermelho,
E faz das azas vis do escaravelho
A surpresa do mundo planetario.

Homens ! As ferreas náos de velas largas,
Monstros revéis, formidolosas cargas
Do bruto oceano arfando ás insolencias ;
Extenuando os ventos, e nos flancos
Longo enxame a arrastar de frócos brancos
De escuma, e raios e phosphorescencias . . .

Os estandartes de arrogantes pregas,
As batalhas, os choques, as refregas ;
Nauseas de fogo de canhões sangrentos ;
Feroz carnificina de ferozes
Batalhões — bando negro de albatrozes
De aza espalmada e aberta aos quatro ventos .

Comburentes, flammivomas bombardas,
Ignea selva de canos de espingardas,
Estampidos, estrepitos, clangores ;
E, bebado de polvora e fumaça,
Napoleão, que, galopando, passa
Ao ruflar de frenéticos tambores ;

A guerra, o saque, as convulsões, o espanto ;
Sebastopol em chamma ; de Lepanto
O vâu de lanças e clarins repleto . . .
Homens ! Tudo isso, enquanto recolhido
Deus sonha, passa e sôa-lhe ao ouvido,
Como o rumor das azas de um insecto !

Fevereiro, 83.

Lembrança

JUNTO da fonte múrmura, offegante,
Outra fonte dos olhos te nascia ;
E me disséste . . . Ai ! tudo inda brilhante
Tenho em mente : o lugar, o instante, o dia . .

Tudo ; só me não lembra o que dizia
Teu labio, e isso porque, chorosa amante,
Porque n'aquelle instante eu nada ouvia,
Tão doloroso me era aquelle instante.

Tua voz tinha um timbre harmonioso,
Que, qual musica vaga e imaginaria,
Inda me offende o ouvido suspiroso ;

Inda me sôa, como flébil aria
Modulada n'um calamo choroso,
Tenue, longinqua, branda e solitaria.

Fevereiro, 83.

O Espelho de Anacreonte

BRAÇOS, que me vêm prender,
Como em rôscas serpentinias ;
— Rijas heras do prazer —
O que enlaçães são ruinas
Do que já deixei de ser !

O mesmo já não sou eu !
Onde a calva é mais escassa
O cabelo embranqueceu . . .
Pois tudo se altera e passa
Co' o tempo, em mim succedeu : —

Aos favos do gozo — a dor,
O menosprezo — aos carinhos,
A enfermidade — ao amor ;
E do amor se inda os espinhos
Sinto . . . já não sinto a flor.

Em vão com um beijo, dois,
Tres e mais, vós, deshumana,
Tentaes enganar-me ; pois,
O espelho é que não me engana ;
E . . . mais polida não sois !

Se affiz-me a volver-lhe o olhar,
Foi que emfim. Sabei : o espelho,
Sem dobrez, liso, exemplar,
Não ha de, ao casquilho velho,
Por moço fazer passar.

Novembro, 86.

Despedidas

LUCIA teve um desmaio no momento
Em que Amphriso partiu ; a loura Alice,
De Antenor despedindo-se, lhe disse :
« Vae, que contigo vae meu pensamento ! »

Fez Julia a Arthur um grave juramento ;
E Amelia, n'um accesso de doudice,
Protestou que, se a Alfredo não mais visse,
Não n'a veriam mais, que n'um convento !

Tu não ! Nem d'esse olhar o azul céleste
Desmaiou ; nem de phrases previo estudo,
Como as outras fizeram, tu fizeste ;

Quando eu parti, teu labio esteve mudo ;
Tu, formosa Beatriz, nada disseste,
Mas, sem nada dizer, disseste tudo !

Abril, 83.

O Camello e o Corcunda

(LE BAILLY)

Aos sons de um pifano
E de um tambor,
Um camello trazido, ha pouco, da Africa.
Em Pariz ostentava-se. Ao redor
Um grande circulo
De dez, de cem,
De mil curiosos se formava ; proximos
Do animal raro, para vê-lo bem.

O livre transito
Quasi a fechar,
Cada um queria, acêrca do quadrupede,
Seu franco parecer manifestar ;
Um padre nota-lhe,
Com devoção,
O olhar submisso. Um magistrado inveja-lhe
A grave e natural circumspecção.
Um usurario
Louva-o, por ser
Este o animal mais sobrio, verbi-gratia :
Passar dias e dias sem comer ...
Mas, a proposito,
Chega-se aos mais
Um corcunda dizendo : — « O maior merito
Do camello é possivel que esqueçaes ? !
A giba é. Vêde-a :
É, ou não é ?
A giba é que este bruto faz, sem duvida,
Mais casquilho, elegante e nobre até. »
E todos riram-se
D'isso, em redor ;
No emtanto, aos mais louvando, de continuo,
Louvà-se a gente, a si, sem tal suppôr.

Abril, 85.

Apostrophe de um beerrão ao sol

(VERSÃO)

BOM dia, amigo sol! Como vaes? Quanto a mim,
Nem vou bem, nem vou mal; vou indo assim, assim...
Eu bebo; e, apesar d'isso, invejo-te a esperteza,
Pois bebes mais do que eu, e sem fazer despesa!

A tua guela (diz-se) é melhor do que as mais.
Todo o dia no oceano as barbas molhar vaes;
Matas a sede atroz, que te devora as tripas,
E, sem gastar vintem, bebes pipas e pipas!...

Tu amas a agua, eu amo o vinho, beberrão ;
O nosso gosto, oh sol, é bem diverso então,
Então é bem diverso o que cada qual sonha !

Tu vives a escaldar os cachos de Borgonha,
Dos cachos de Borgonha eu vivo a me escaldar!
Deixa-me o vinho, pois, porque eu te deixo o mar!

A uns 66 annos

NÃO pasma ver-te pasmo ante os eburneos globos
Do seio, e a pallidez marmorea de Phrynéa;
Nem ver, ante ella, a uivar, como famintos lobos,
Teus instinctos, em bruta e voraz alcatéa;

Bem pouco importa ir já nevando-te os cabellos
O inverno dos sessenta e seis annos de idade:
—Muita vez, na estação dos frios e dos gelos
Os lobos vêm até as portas da cidade...

Dezembro, 83.

Noite de Chuva

DISSE-ME que voltasse.

E eu prometti, dizendo-lhe : — até logo !

Mas chove assim ! Como attender-lhe ao rogo ?

Como voltar, sem que esta chuva passe ?

Cá dentro tanto fogo !

E agua tanta lá fora !... Se eu fumasse ?

E fumo. Chove... Se eu jogasse ? E jogo.

Chove mais... Se eu beber ? Chove... Ora dá-se !

E sonho-a : abre-me a porta ;
Labios parte n'um riso ; olhos requebra ;
Pende em meus hombros, scismativa e absorta...

Tomo-lhe a mão, e afago-a...
Oh ! quem as grades vis sacode e quebra
D'essas, que me detêm, cadeias d'agua !.

Julho, 84.

A Lyra de Orpheu

(PARAPHRASE)

QUANDO ferido Orpheu pelas Bacchantes
Junto ao Hebro tombou, nas árquejantes
Ondas de sangue tinctas, indecisa,
 Vio-se, por um momento,
Boiar a lyra do inditoso bardo...
Sob esse leve e supportavel fardo,
O rio ia cantando ao longe. A brisa
Roçava doce as frias e amorosas
Azas de prata pelas cordas de ouro
 Do magico instrumento,

E misturava os sons, que d'elle vinham,
E o tumulto das aguas soluçosas.
Largos braços de escuma abrindo, as vagas
 Do sagrado thesouro
Agrupavam-se em torno, anciosamente,
Para ver, com macio esforço brando,
 Se no curso o detinham
 Da rapida torrente.
E elle ia rio abaixo, atravessando,
 Veloz, aridas plagas,
Ermos, recifes safaros; de um lado
E de outro, tudo esteril, despovoado,
 Desflorescido e mudo...
Porén, emquanto rio abaixo elle ia,
Ia transfigurando-se a payzagem: —
 Transformava-se tudo;
 Tudo reverdecia;
 Tudo á sua passagem
Scintillava de novo; estremecia
De novo tudo: — o bosque e o valle cheios
De echos, de luz, de aromas, de gorgeios...
Frondejando o arvoredado lhe tecia
 Com a espessa ramada,
Do grego sol á irradiação mais viva,
Arcos triumphaes, abobadas de flores;

— Galas da Primavera rediviva,
Chilros joviaes da tonta passarada,
Musicas, resplendores...

Ah! bem longe esses tempos vão! Agora
Já não têm alma as ondas, a floresta
E a rocha; e, como n'esta,
Nos corações já nada brota. E embora
Se esvaia e se desfaça
Do poeta a lyra em sons, ardente e rica,
Passa o poeta, e o logar por onde passa
Jamais de flores carregado fica.

Janeiro, 86.

A Saudade

(A HENRIQUE DE MAGALHÃES)

AQUI outr'ora retumbaram hymnos ;
Muito coche real n'estas calçadas
E n'estas praças, hoje abandonadas,
Rodou por entre os ouropéis mais finos ;

Arcos de flores, fachos purpurinos,
Trons festivaes, bandeiras desfraldadas,
Gyrandolas, clarins, atropelladas
Legiões de povo, bimbalar de sinos . . .

Tudo passou. Mas d'essas arcarias
Negras, e d'esses torreões medonhos,
Alguem se assenta sobre as pedras frias ;

E, em torno, os olhos humidos, tristonhos,
Espraia, e chora, como Jeremias,
Sobre a Jerusalem de tantos sonhos !..

Março, 83.

(Victor Hugo)

MISERO acervo das paixões humanas !
Colera fulva ! Inveja atrabiliaria !
Dor, que nos curte ! E tu, que nos ufanas,
Gloria tão pouco solida e tão varia !
Tudo a sorte transforma, nas insanas
Evoluções da vaga tumultuaria . .
Homens, subis ; e logo, para espanto
Dos que subir vos viram, desceis tanto !

Tanto orgulho porque ? Porque tamanha
Vaidade, e, após, tão grande abatimento ?
Porque, se, como turbida montanha
De cinzas, tudo desmorona o vento ? !
O coração vos pula, espuma a sanha
Em vosso labio crú, sanguinolento ! . .
Homens, rugis ; e tanto, que eu devera
Crer que fosseis de bronze, e sois de cera !

Março. 83.

Payzagem Polar

(LECONTE DE LISLE)

Do mar a immensa escuma o frio agglomerou-a,
E um mundo morto fez, sem luz, sem vegetaes,
E onde do gelo duro as agulhas fataes
Rasgam do fusco céu a perpetua garôa ;

Em avalanches róla a neve, e se amontôa . . .
Tudo esteril ; e atroz confusão de infernaes
Brados, imprecações, roncões, soluços e ais,
Que aos seus clarins de ferro o vento arranca, trôa.

Nivoso, hirto, glacial, das brumas atravez,
O branco e antigo deus, pae das primévas raças,
Inteirizado jaz, do promontorio aos pés .

E, a babar de volupia, em meio á cerração,
Os ursos—colossaes e formidandas massas —
Tropegos, cá e lá bambaleando vão . .

Outubro, 84.

Paraphrase

(ALPH. KARR)

MORDE o cão, marra o touro, o asno escouceia,
E a abelha aferretôa; e de tudo isso
Foge quem d'isso tudo se arreceia.
Do cão evite os dentes ; no cortiço
Não mexa das abelhas ; em passando
 Junto ao touro indomavel,
As corneas pontas cauteloso attente ;
 E, emfim, pelo asno quando
De passar haja, o faça pela frente,
Ou por traz . . . em distancia respeitavel.

Quem d'entre nós, porém, por mais esperto
E astuto, escaparia
Ás traiçoeiras garras amestradas
De um animal, que é como nós, por certo,
Em tudo, e como aquelles, todavia,
Morde, escouceia, pica e dá marradas ?!

Setembro, 86.

Fantina

EMQUANTO ao peito maternal unida
Tens do infante a boquinha cor de rosa,
Que—inexoravel, sofrega ventosa —
Suga-te o leite, o sangue, a força e a vida ;

Não é, mulher invalida e abatida,
Mais que a tua a alegria generosa,
Que o pelicano, junto á prole, gosa,
Quando da propria carne a vê nutrida .

Ao filho, oh mãe, que, no lençol dourado,
Envolto dorme, tacito e tranquillo,
Do teu louro cabello desmanchado,

— Manche-te a infamia, embora, o sacro asylo—
Do virginal pudor esfarrapado
Inda um farrapo tens para cobril-o !

Setembro, 84.

Pesadelo de Emma

(A CARDOSO DE MENEZES JUNIOR)

ESTA paixão criminosa,
Que o sangue das illusões
Nutre ; e que mata impiedosa,
Todas as outras paixões,

É o amor, que os mais amores
Vence ; e o coração, n'um leito
De espinhos, brazas e dores,
Põe-me, sangrado e desfeito ;

Enche-me todo e, invisível,
Internamente me dóe ;
Vae-me pela alma e, terrível,
Tudo o que topa destróe ;

E, insidioso, colloca
O labio frio e visguento
No seio, onde hauria a bocca
Dos sonhos—filhos que alento.

Assim, enquanto Emma dorme,
E ao cóllo o filho gentil
Lhe suga o leite, uma informe
Serpe a esgueirar-se, subtil,

Da mãe, que o filho amamenta,
Acheга-se mansa, mansa,
E troca, pela nojenta
Bocca, a bocca da creança ;

E, macia, a poma cheia
De leite puro a infamar,
Torpe e vil, lubrica e feia,
Põe-se a mamar, a mamar . . .

Junho, 83.

O Monge

« O coração da infancia, eu lhe dizia,
E' manso. » E elle me disse : « Essas estradas,
Quando, novo Elizeu, as percorria,
As creanças lançavam-me pedradas. »

Fallei-lhe então na gloria e na alegria ;
E elle, de barbas brancas derramadas
No burel negro, o olhar somente erguia,
Ás cerulas regiões illimitadas . . .

Quando eu, porém, fallei no amor, um riso
Subito as faces do impassivel monge
Illuminou.. Era o vislumbre incerto,

Era a luz de um crepusculo indeciso
Entre os clarões de um sol, que já vae longe,
E as sombras de uma noite, que vem perto!...

Setembro, 84.

Mugitusque Boum

(V. HUGO.)

AMPLo mugir dos bois, hoje ainda conservas
O grave e austero tom, com que plangente, outr'ora,
Nos tempos de Virgilio, o teu cantor, dizias :
—« Oh pampanos viçae! prados, enchei-vos de hervas!
Do céu da noite a aurora,
Como de um ôvo negro, estale cheia e clara!
O aureo pendão do trigo esplenda ao sol, ondeante!
Brilhe o cheiroso orvalho em camarinhas frias
Na rica e fulva seara!
Rebente em madrigaes dos rouxinões o ninho!

Que a vida exulte e cante
 Nas ondas de ouro e luz de uma ceifa abundante !
 Viva a besta! o homem viva! e a sarça, e a pedra, e o espinho!
 O ether todo se anile
 Ennodado só de roseas nuvens e azas! . .
 E, quando expira o sol, que os camponezes tosta
 Nas fadigas do estio,
 E aquelles, pela encosta
 Das collinas em flôr, dos poeticos outeiros,
 Vêm regressando ás casas,
 Que um pennacho de fumo em cada tecto oscille !
 Que cada um no seu cômlo arejado e sadio
 Encontre, satisfeito, a esposa bella e pura
 E dos filhos, em torno, o par louro e innocente !
 Um bom fogo a cada um nas lareiras se ostente,
 E cada um venha achar peçados os celleiros,
 E em toda a parte o asseio, a abundancia, a fartura! . .
 E, quando, á noite, cada estrella arde e palpita,
 —Fructo de luz suspenso
 Das ramagens ideaes d'essa arvore infinita—
 De cadá estrella desça,
 Pelos raios de prata,
 De immenso amor e paz benigno influxo immenso !
 Gorgeie o ninho ! o mar ferva ! estronde a cascata !
 Sorria a bocca ! o peito estúe ! a aza estremeça !

Longe ainda a estação está das longas chuvas ;
Fulge ainda o amarello intenso das espigas ;
E ainda nos lagares
Espirra o sangue vivo e purpuro das uvas !
Tempo ainda é de dares,
Homem, deixando o velho arado no abandono,
O repouso a teu corpo exausto de fadigas,
E ao boi trabalhador é generoso o somno ! — »

N'aquelles tempos bons e simples, assim era,
Que fallava dos bois a voz solemne e austera,
E Virgilio a escutava então, attento e mudo,
Como eu ainda agora a escuto, mudo e attento ;
E a agua via passar o cysne . . . a arvore o vento
Via passar. e a rocha a escuma. E passa tudo
Hoje de novo, como outr'ora ! E hoje o mugido
Dos bois tem para mim ainda igual sentido !

Abril, 1886.

No Outono

A ARDENCIA em vão te aplaca ao labio lindo
Esse angelico sopro e halito ameno ;
—Vento outonal de longes campos vindo
Cheios de fresco, de oloroso feno— ;

Antes sob o anilado espaço infindo,
Vissemos nós, verdes, em flor, e em pleno
Ar, humidas do choro do sereno,
As laranjeiras virginaes sorrindo . . .

Antes, da primavera o sol, que amamos,
Seus dardos a partir contra os abrolhos,
Que a rocha viva bróta, hispídos, brutos ;

E em vez dos fructos de ouro, que ha nos ramos,
Antes, querida, vissem nossos olhos
As flores, que eram berços d'esses fructos...

Setembro, 85.

O Orgulho

(C. MENDES)

QUANDO ainda a materia e a forma eram futuras,
O Creador sonhou o amor das creaturas ;
E o mundo a construir com seu grande poder,
Disse :— « O homem ha de, aqui, respirar com prazer
E jubilo maior meu sopro ; elle aqui ha de
Feliz fitar a minha immensa claridade. »
E, em seguida, com o pé fez rolar um torrão
De barro, e este, animado, ergueu-se... Deus então
Disse :— « Adão é teu nome ; os astros, o horisonte

Profundo, os animaes da floresta e do monte,
As nuvens, os bilhões de aves, que habitam o ar,
O oceano, a terra e o céu, e a mulher, cujo olhar
É composto de dois outros céus mais pequenos...
Homem, tudo isto é teu; eu dou-te; e, em paga, ao menos,
Sempre, humilde has de amar-me, adorar-me e ter fé...»

E o homem bradou: — « Porque tu me metteste o pé?! »

Agosto, 85.

Tumulo Aereo

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Com que tocante e singular tristesa,
Entre os Natchez, a mãe, que a acerba e dura
Perda de um filho soffre, a atroz cruesa
Das proprias dores illudir procura !

Põe-no em cama de flores, que pendura
A um galho, por cipós torcidos presa :—
Cantam aves por cima. e a correntesa
De um rio embaixo flúe, trepada e pura. .

Das arvores suspenso e entre as ramagens,
O morto infante jaz ; frouxa, macia
E mollemente, embalam-no as aragens ;

E, em branda oscillação suave e doce,
Seu tumulo alli fica, noite e dia,
A balouçar, como se um berço fosse . . .

Abril, 85.

Um numero do Intermezzo

(H. HEINE)

TANTO as puniceas rosas
Das faces, como as brancas açucenas
D'essas mãos caprichosas,
Nevadas e pequenas ;

Tanto os jasmims do seio,
Como as azues violetas d'esse olhar
De phantasias cheio,
Cheio de almo luar ;

Tudo em vós com affecto
A primavera orvalha, e á luz se inflora,
Fulge e irradia, excepto^t
Um só logar, senhora :

Um ponto, um só, existe
Deserto em vós ; somente uma região
Arida, esteril, triste . . .
E é : vosso coração !

Janeiro, 86.

Na Tasca

(F. COPPÉE)

DENTRO, na esconsa mesa, onde fervia
Fulvo enxame de moscas sussurrantes,
N'um raio escasso e tremulo do dia,
Espanejando as azas faiscantes,

Vi-o :—bebado estava, e inebriantes
E capitosos vinhos mais bebia,
E em tédio, como os fartos ruminantes,
A larga bocca estúpido movia. .

E eu pensativo, eu pallido, eu descrente,
Approximei-me do ebrio, com tristesa,
Sem elle quasi o presentir sequer ;

E vi :—seu dedo, aos poucos, lentamente,
No vinho esparso, que ensopava a mesa,
Ia traçando um nome de mulher . .

Maio, 83.

Anacreontica

(TH. GAUTIER)

POETA ! Soffrêa os impetos !
Não façás, que o meu amor
Fuja e evole-se —ave timida —
Ao roseo céu do pudor.

O amor é medroso e aligero ;
Pomba, que treme e que arrulha...
Sê cauteloso ; ella espanta-se
E foge á minima bulha.

Mudo, como Hermes de marmore
Da arvore ao pé ; has de ver
Aos poucos, sem sustos, da arvore
A pomba descer, descer . .

Sentirás nas fontes, flaccido,
Um sopro de alma frescura,
E um palpitar de azas, tremulo,
N'um turbilhão de brancura . . .

E em teu hombro a ave selvatica,
Já mansa, has de ver poisar ;
E o seu róseo bico, soffrego,
Nos beijos teus se fartar . . .

Março, 83.

Na ponta de uma flecha

(A UMA SENHORA, QUE TEVE O DESGOSTO DE PERDER,
QUASI TOTALMENTE, UM DOS OLHOS)

O DEUS louro, rosado e nú, que os poetas
Pintam de aljava á cinta e arco cingindo,
E, como os serafins e as borboletas,
Com um par de azas palpitante e lindo ;

O menino pagão, que, nas inquietas
Pupillas de alguns olhos, móra ; e, rindo,
Ahi, ás vezes, se diverte, settas,
De dentro para fora, despedindo ;

Um dia a taes prazeres se abandona
Dentro de vossos olhos, e, imprudente,
Em um dos olhos fere a propria dona...

Eil-a a flecha nefasta ; eu vol-a entrégo...
Resta um dos olhos só, mostrando á gente,
Que o amor não é completamente cégo.

Julho, 84.

Child-Harold

(PARAPHRASE)

SINGRA o navio ufano ;
Vão dois vultos à popa, e o corpo informe
Do morto guardam — mudas sentinellas —.
O luar enche o oceano,
E, como as azas de um vampiro enorme,
Abre o dragão marinho as largas velas.

Traz d'elle a onda talhada
Desprega alvos lençóes de espuma, ardendo
Em luz e phosphoro, e onde os céos se avivam ;
E a tunica estrellada
Da noite vasta e ideal, resplandecendo,
Como alfinetes de ouro, os astros crivam.

Cheios da estranha magoa
Da infausta morte, os genios do ar, errantes,
Choram.. Os mastaréos hartos e implexos
Cruzam-se ; e ondulam n'agua,
Como peixes de fogo, coruscantes,
Aureos circulos, tremulos reflexos...

Soluçam as ondinas,
Inconsolaveis noivas, o despojo
D'essa formosa vida sopesando...
Como em largas buzinas,
Sopra o vento do mar, no pardo bojo
Das amplas velas concavas, cantando..

Agosto, 85.

Fascinação

Todo o teu ser contemplo agora ; e é quando,
Para só contemplal-o, até prescindindo
Do meu ; e enquanto o meu se vae sumindo,
Vae o teu aos meus olhos avultando ;

Assim quem vae o pincaro galgando
De uma alta serra, do horisonte infindo,
Nota que, á proporção que vae subindo,
Vae o circulo em torno se ampliando..

E, infimo em face da amplidão tão grande,
Fôsko, a pupilla, com pavor, expande...
A baixo mares vê, selvas, cidades,

Montanhas... E até onde o olhar attinge,
Á immensidade esplendida, que o cinge,
Vê ligarem-se mais immensidades..

Junho, 84.

Sobre Schopenhauer

(AO DR. LYCURGO DOS SANTOS)

DESPERTAR-TE jamais foi dado ao mundo,
Do coração no tenebroso fôjo,
Esse rancor profundo, esse profundo
E irresistível nojo ;

Nem da colera o incendio, que arde e fuma,
Reflectiu-se em teu rosto macilento,
Nem te affluir á bocca a verde espuma
Do fel amarulento.

O sarcasmo do gesto contrafeito,
Mordaz, soubeste disfarçar-o um dia,
Compondo juntos, n'um só laço estreito,
O beijo e a zombaria.

E o odio escondido n'alma, tumultuoso,
Ferveu, pulou-te em vão, internamente ;
Revelal-o seria perigoso,
Ridiculo e imprudente.

Jamais do labio ironico e sombrio
A alma te veio á flor ; sempre sereno,
Sorriste . . . Os animaes de sangue frio
São os que têm veneno !

Abril, 85.

O Misanthropo

« Je veux que l'on soit homme, et qu'en toute rencontre
Le fond de notre cœur dans nos discours se montre ;
Que ce soit lui que parle, et que nos sentiments
Ne se masquent jamais. . . »

MOLIÈRE (*Le Misanthrope*, act. 1.º scen. 1.º)

À BOCCA, ás vezes, o louvor escapa
E o pranto aos olhos ; mas louvor e pranto
Mentem ; tapa o louvor a inveja, emquanto
O pranto a vesga hypocrisia tapa ;

Do louvor, com que espanto, sob a capa
Vejo tanta dobrez, ludibrio tanto !
E o pranto em olhos vejo, com que espanto,
Que, satanicos, riem-se á socapa !

Porque, desde que esse odio atroz me veio,
Só trahições vejo em cada olhar venusto ?
Perfidias só em cada humano seio ?

Acaso as almas poderei sem custo,
Ver, perspicuo e melhor, só quando odeio ?
E é preciso odeiar para ser justo ? !

Novembro, 84.

Job

QUEM vae passando, sinta
Nojo embora, ali pára. Ao principio era um só ;
Depois dez, vinte, trinta
Mulheres e homens . . . tudo a contemplar o Job.

Qual fixa-o boquiaberto ;
Qual a distancia o vê ; qual se approxima, altivo,
Para olhar mais de perto
Esse pantano humano, esse monturo vivo.

Grossa turba o rodeia . . .
E o que mais horrorisa é vê-lo a mendigar,
E ninguém ter a ideia
De um só vintem ás mãos roidas lhe atirar ;

Não é ver que a indigencia
Transforma-o em pasto já de vermes ; e lhe impera
Na immunda florescencia
Do corpo, a podridão em plena primavera ;

Nem ver sobre elle, em bando,
Os moscardos crueis de rispido ferrões,
Incomodos, cantando
A musica feral das decomposições ;

Nem ver que, entre os destroços
De seus membros, a Morte, em blasphemias e pragas,
Descarnando-lhe os ossos,
Os dentes mostra a rir, pelas boccas das chagas ;

Nem ver que só o escasso
Roto andrajo, que a lepra horrivel, que lhe prúe,
Mal encobre, e o pedaço
De telha, com que a raspa, o misero possue ;

Nem do vento ás rajadas
Ver-lhe os farrapos vis da roupa fluctuante,
Voando — desfraldadas
Bandeiras da miseria immensa e triumphante ;

Nem ver . . . Job agonisa !
Embora ; isso não é o que horrorisa mais.
— O que mais horrorisa
São a falsa piedade, os fementidos ais ;

São os consolos futeis
Da turba que o rodeia, e as palavras fingidas,
Mais baixas, mais inuteis
Do que a lingua dos cães, que lambem-lhe as feridas :

Da turba que se, odienta,
Com a pata brutal do seu orgulho vão
Não nos magôa, inventa,
Para nos magoar, a sua compaixão !

Se ha, entre a luz e a treva,
Um termo medio, e em tudo ha um ponto mediano,
É triste, que não deva
Haver isso tambem no coração humano !

Porque n'alma não ha de
Um meio termo haver d'essa gente tambem,
Entre a inveja e a piedade ?
Pois tem piedade só, quando inveja não tem !

Junho, 85.

Sobre a effigie de uma santa

TROCASTE o certo pelo incerto, oh triste !
Em vão, sob o cilício rigoroso
E a penitencia, o polvo monstruoso
Da carne e dos instinctos comprimiste ! . .

Atraz do azul, onde esse olhar piedoso
Tanta vez se embebia, o que é que existe ?
Existe o céu ? Será real o esposo
Sem nervos e sem côr, que preferiste ? .

Cataleptica e louca, tu, que a vida,
Com jejuns e com barbaros esforços,
Crua, estancaste; o que é que, em troca, houveste!

Tua apparencia é fria e arrependida,
E parece-me até, que tens remorsos
Do deploravel cambio, que fizeste!

Janeiro, 83.

Flauta do Outono

(DO LIVRO DE JADE)

POBRE viajor! Embora, rica, ostente
Todo o seu ouro vivo a natureza,
 No campo e na montanha;
E não te falle em lingua diferente
Da tua, a ave que escutas, com tristesa,
 Cantar em terra estranha;

Quando, á noitinha, a rispida fanfarra
Do caçador atrôa, e a sombra escura
Cresce, mais cresce a dor d'esse abandono..
E mais, quando, nos troncos sem verdura
Dos arvoredos nús, canta a cigarra,
 — Triste flauta do Outono...

Então é que a alma, n'um suspiro, deixas
Voar ao longe clima de outras terras...

Ao pranto não resistes,
E, mal contendo as soluçadas queixas,
Em vão, ancioso, cerras
Com as tremulas mãos os olhos tristes.

Abril, 86.

A Horacio Flacco

JULGO eu que em tua sabia e conselheira
Muza mais invejavel é... (não digo,
Que o dom de até no ardor, provento amigo,
Ser sempre a mesma :—sobria e verdadeira ;

Nem digo que esse engenho e essa maneira
Com que ella das virtudes o aureo trigo
Ceifado ao campo do bom senso antigo,
Pingue, abastoso e uberrimo, joeira . . .)

Mais invejavel digo que é, e julgo,
A sciencia não vulgar de, em companhia
D'ella, e olvidado do profano vulgo,

Dentro em ti mesmo, achares essa pura
Paz de espirito e essa intima alegria,
Que, debalde, entre os homens se procura.

Março, 85.

O Filho de Cleopatra

No dia em que, inditosa, a egypcia encantadora
De um funesto suicidio á vertigem se entrega,
Qual se de Marco-Antonio o proprio filho fora,
Ao seio feminil um aspide aconchega...

Vinham-lhe então á mente os consumidos annos,
Em que a seus pés, da gloria entre os trophéos sublimes,
Vio capitães de Roma e asiaticos tyrannos,
Famosos pela audacia e pelos torpes crimes;

Em que calcou do Oriente as e'rôas sobranceiras
E a vassalagem vil da baixa plebe ignava ;
E, á prôa triumphal das grandes náos velleiras,
Toda a costa, do Egeu ao Ponto, perlustrava...

Via tapando o sol o vulto formidando,
Desconforme, brutal, do antigo monolitho ;
E o Nilo entre os parcéis de Koush cataratando,
E, inda alem,—fogo e areia—o deserto infinito...

E as viçosas regiões da Cappadocia, e a ardente
Tarso, onde o vencedor fizera-se vencido,
E ás plantas lhe arrojara a espada reluzente,
A purpura rasgada e o sceptro bipartido.

E, erma, a zona maldicta, onde do régio manto
As fimbrias arrastára, ufana ; e onde, na altura
Do sólio, a refulgir, celebrisou-a tanto
Tanta barbaridade e tanta formosura.

E assim todo o passado a despertar na bruma
Da memoria, no pó dos annos esquecidas,
Essas recordações erguia, uma por uma,
Qual de um rôto collar as perolas cahidas...

E em nada via um trecho, uma sombra, uma calma,
Um riso, uma só flôr da extincta primavéra ;
Nunca um sonho de amor amamentou sua alma,
Como a um tenro cordeiro o peito de uma féra.

Nunca da guerra o ardor refrigerou na clara
Fonte da paz, que flúe, harmonica e serena :
Sempre do seio bronzeo e cruento abrigara
No latibulo escuro os odios de uma hyena...

Pela primeira vez, chora ; esses pesadelos
E sangrentas visões remorso e dor lhe exaltam ;
Das nascentes dos seus dois tristes olhos bellos
Dois bellos rios, triste e amargamente, saltam ;

E um bem jamais sentido até então lhe veio
Á alma inundar, peor que um árido deserto ;
Mas o aspide mortal picou-lhe, ingrato, o seio
Pela primeira vez maternalmente aberto !...

Julho, 85.

A Filha do Coveiro

D'ESSA creança o doce vulto aereo,
Franzino e descorado encontro agora
Todo o dia a vagar no cemiterio
Das catacumbas pela rua afora ;

E emquanto ahi, no salgueiral funereo,
A estrige pia e o vento ulula e chora, *
N'esse logar procura a vida, embora
A morte o encha de assombro e de mysterio. .

E haurindo a fresca matinal, fagueira,
Recobra a extincta côr . . . Sorte maldicta
A da flor, que, na tabida caveira,

Viceja, onde nasceu ! Maldicta a sorte
De quem, para ter vida, necessita
De ir a vida buscar na propria morte !

Novembro, 84.

Æstuat infelix

(VICTOR HUGO)

Ao monte Atlas, um dia, as collinas fallaram :

— Vê de que viva luz os sóes nos inundaram !
Vê com que alto cocar corôa-nos a selva !
Que tableiros, vê, esplendidos de relva
Desenrolam-se em flôr, por nossa verde fralda,
Onde a fresca Estação dos beijos se engalda,
E onde vem gorgear seu cantico inspirado
A juventude, e rir depois de ter cantado !

E enquanto acima o céo nos redoira a payzagem,
Abaixo, pelo oceano indomito e selvagem,
Vemos só, dia e noite, os nossos pés lambidos.
E tu?!—o que te traz os membros opprimidos?!
Porque sobre essa fronte alpestre onde os abrolhos
Brotam só, pairam só aguias de fulvos olhos,
Turbidos monstros do ar?!... Que peso formidando
Te está a petrea espadua e os hombros esmagando?!
Sobre ti, com que céga e atroz brutalidade
Sopra o Fado, convulso, a eterna tempestade,
Que o dorso a te espancar, em grandes paroxismos,
N'esses flancos de pedra abre tantos abysmos?!
Que vulcanico ardor te funde a neve antiga,
Que escorre como um suor de suprema fadiga?!
Porque, emfim, te aniquila um cansaço profundo?!

Atlas lhes respondeu: — Porque eu carrego um mundo.

Maio, 85.

Elmani Tabernula

Libemos
Almo, rubro licor, que géra os risos,
E a memoria tenaz de acerbos males
Apaga...

BOCAGE.

Aqui, nem tenue lagrima a esmeralda
Do olhar lhe enturbe mais ; nem mais lhe dôa
O escarro com que a inveja lhe ennodôa
Os louros, que ornam-lhe a cabeça ;

Do ideal, que a vasta fronte a arder lhe escalda,
A sede aqui lenir busque ; e a alegria
Beba aos cópos ; e exulte e cante e ria
E os odios finalmente esqueça .

Censurem-no homens de propecta idade ;
Desdenhe-o a hypocrisia ; e, ' por maldade,
O vulgacho escarninho mófe ;

Que importa ? se elle ao menos sente
Aqui, bater-lhe o coração contente,
E o coração contente lhe enche a estrophe.

Setembro, 86.

Versos a Stenio

(A ALBERTO DE OLIVEIRA)

VISTE-LHE os torvos olhos, e a iracunda
Catadura bestial ? Ninguem descreve
Tanto furor, tanta allucinação !
Por dentro, esse homem deve ser corcunda,
Torto e disforme ! E ser hediondo deve !...
Porque ruge esse anão ? !...

É que uma c'róa tens ! é que fulgura
De gemmas essa c'róa ! é que irradia
O oiro da pluma tua, ousado Stenio !
Deixa-o ! Não sei que estranha e má ventura
Fez dos botes da propria inveja, um dia,
O baptismo do genio !

Aos pés d'este é que o monstro repellente
Protervias bava, ou calumnia, ou zomba,
De atro fel, de si mesmo, a se nutrir.
Nas proprias carnes o vipereo dente
Ferra, sibila e, estrebuxando, tomba
Colerico, a rugir.

Deixa-o, e segue o teu rumo, glorioso !
Deixa que espume ! deixa que escabuje !
E odio e peçonha a bocca lhe trasbordem !
Elle é como um tortulho venenoso ;
Nunca o mordas ! Esse homem vil, se ruge,
É só porque o não mordem !

Muita vez, como um Hercules, a interna
Enfermidade atroz, que o róe, que o mina,
Fal-o suppôr-se, e o força a pelear ;
E faz da gloria alheia a hydra de Lerna,
Cujas sete cabeças imagina,
Raivoso, decepar !

Em vão ! que ao pôtro de um supplicio horrendo
A alma tem presa, de perpetua bruma
Cheia, e de trevas lobregas e espessas,
Entre as quaes vê o reprobó, tremendo,
Da hydra fatal brotando, uma por uma,
Outras tantas cabeças.

Outubro, 86.

Os Argonautas

(J. M. DE HEREDIA)

DÉ Palos — como, a voar, orphãos do azul natal,
Os gerifaltos vão-se — em chusmas, audaciosos,
Ávidos capitães, pilotos cubiçosos,
Partiram navegando empós de estranho ideal ;

Vão conquistar, alem, das minas do metal,
Que Cipango enthesoura, os veios fabulosos ;
Sonham, boiando em luz, paizes mysteriosos,
Praias, climas, regiões do mundo occidental...

Sulcam assim, mar alto, infatigavelmente...
Miragens tropicaes, longe, enganosamente,
Esboçam construcções e torres de ouro no ar...

E elles á prôa vão das alvas caravelas,
Vendo só, despenhado em turbilhões de estrellas,
Todo o infinito céu sobre o infinito mar...

Novembro, 86.

Versos a um artista

(A OLAVO BILAC)

I

Tu artista, com zelo,
Esmerilha e investiga !
Nissia, o melhor modelo
Vivo, offerece, da belleza antiga.

Para esculpil-a, em vão, arduos, no meio
De esbrazeada arena,
Batem-se, quebram-se em fatal torneio,
Pincel, lapis, buril, cinzel e penna.

A Aphrodite pagan, que o pejo affronta,
Exposta núa do universo ás vistas,
Dos seios duros na marmórea ponta
Amamentando gerações de artistas,

Não a excede ; e, ao contrario, em sua rica
Nudez, por mil espelhos,
Mostra o que ella não mostra, de pudica,
Do collo abaixo e acima dos artelhos.

Analysa-a, sagaz, linha por linha,
E á tão sagaz minucia apenas poupa
Tudo o que se não vê, mas se adivinha
Por sob a avara roupa . .

Deixa que a roupa avara
Do peito o virginal thesouro esconda,
E o mais . . . até onde, perfeita e clara,
A barriga da perna se arredonda . .

Basta-te á vista esperta
Revelar-se, atravez do linho grosso,
O alabastro da espalda mal coberta,
E o Paros do pescoço.

Basta que tráia, como trõe, de leve,
O contorno flexuoso.
Basta esse rosto ideal — purpura e neve ---
E a curva grega do nariz gracioso.

Um quasi nada basta, emfim, que tráia
Ao teu olhar agudo,
Para que este deduza, tire e extráia
D'aquelle quasi nada, quasi tudo.

II

Embora o olhar profano
Não possa ver o que ella só não nega
Ao lado avesso do grosseiro panno,
Á cuja guarda os mimos nós entrega ;

Nem leve brecha ao menos
Abra n'essa, onde fulge, aspera crôstra,
Como a perola — lagrima de Venus —
Rútila dentro de uma casca de ostra...

Desnuda-a, imaginariamente ; e a poma,
O ventre, o talhe esculptural da cinta,
E o amplo quadril lhe pondo á mostra, toma
O teu pincel para pintal-a, e pinta !

Pinta o que vê-se, e pinta o que não vê-se
D'esse corpo assim todo desnudado,
D'esse correcto, d'esse
Corpo em marmore carne modelado.

Seus melindrosos traços aproveita ;
E, ao fundo de um painel classico, aviva
As graças feminis d'ella — perfeita
Copia da formosura primitiva.

III

Pinta-a. Esse ignobil, rustico tamanco
Tira-lhe ao branco pé ; e, por seu turno,
Calça-lhe o pé tão branco
(Mais digno de um cothurno) de um cothurno.

Mas não façás a idéa
De que o semblante vês, feroz e lindo,
Da tragica Medéa
No theatro de Euripides surgindo.

Não dês ao quadro qualquer tom mais negro ;
Faze antes n'elle, em vividos fulgores,
Correr gárrula a nota de um « alegre »
De matizes, de tintas e de cores.

Pinta-a no Olympo, dominando-o todo
Com esses olhos claros,
Bellos e verdes . . . Verdes d'esse modo,
São mais preciosos, porque são mais raros.

De Carybides não sobre os escolhos,
Mas de um outeiro celebre na falda,
Á esmeralda do Egêo volvendo os olhos,
— Dois humidos abysmos de esmeralda,

E onde do Hymeto a tribu sequiosa
E loura das abelhas
Beije-lhe o doce beijo côr de rosa
E a doce côr de rosa das orelhas.

Ou da harpa antiga os mysticos segredos,
De Sapho as odes, de Thimoteo os hymnos,
Frenetica, arrancando com seus dedos
Longos e alexandrinos...

Rasga-lhe, em larga tela o largo mundo
Da Grecia ; e amplos, remotos horisontes,
Onde se esfumem, pallidas, ao fundo,
As cordilheiras dos mais altos montes...

Onde, perpetua, a Primavera esvoace,
Abra em capellas madidas, cheirosas,
E, em mil grinaldas tremulas, deslace
De Anacreonte as rosas.

E em torno d'ella tudo se reuna :
Da Arabia o incenso e a myrrha da Ethiopia ;
E, dadivosa e prodiga, a Fortuna
Despeje a farta e cheia cornucopia !

Ou, nas nuvens de ionica payzagem,
N'um carro de ouro, o seu perfil debuxa,
Que alado par de esplendida plumagem
E rutilante leque aberto puxa...

Ou deixa então da deusa de Cythera
Tudo o que em Nissia vês . . . Para pintal-a,
Busca antes o ar de castidade austera,
Que ás semi-deusas da Odissea a eguala.

IV

Pinta-a onde, ao pino, o sol da Lybia ardente
Estanque o Nilo, que, fecundo, corre ;
E, buindo o deserto incandescente,
Fisque, abraze, tórre,

Queime ; espedace os raios flamnejanter,
— Como um milhão de espadas
Contra claros broqueis — contra os brilhantes
Zimborios das mesquitas elevadas ;

Côza, encoscóre a adusta areia rubra ;
Calcine-a ; lamba em fogo os obeliscos ;
De Memphis as pyramides encubra
De fuzis e de fulvidos coriscos ;

Relampeje emfim . . Mas sem que tise
A rija carnção d'ella, mais grata,
Mais doce aos olhos, que o candor do cygne,
Que no crystal do Eurotas se retrata ;

Não lhe deslustre, nem marêe a arvura ;
E nem lhe decomponha a peregrina
Combinação, e a singular mistura
De anil, leite e nacár da pelle fina.

Ou pinta-a, não em vasto peristyllo
De capiteis corinthios, mas n'aquella
Sobria feição do estylo dorio : — estylo,
Que, por mais simples, é mais proprio d'ella ;

E, ao hombro a chlamyde espartana, ao peito
A egide adamantina, erea, inteiriça,
No braço esquerdo o escudo, e no direito
A espada da Justiça ;

Em meio a um Parthenon, firme, a conserva
Sem os crespos florões de acantho e louro ;
E eil-a, ao molde da estatua de Minerva
Feita por Phydias, de marfim e de ouro.

Então não queiras tu pôr em confronto
O original e a imitação já tinda,
Para ver se, d'aquelle, n'esta um ponto
Um toque, ou pincelada falta ainda ;

Nem, na febre da esthetica, profunde
Mais teu olhar, buscando-lhe a nudeza
Perlustrar do seu corpo : mappa-mundi
Da suprema Belleza.

Poupa ás faces da deusa a onda purpurea :
Pinta-a, ideando-a só : o alvo recacho,
O torso e o resto. sem, tremenda injuria !
A tunica rasgar-lhe de alto a baixo.

Maio, 85.

Renascimento

VENHA, após tanta lagrima bebida
E tanto fel provado, a doce e branda
Alegria, onde a murcha flôr se expanda
Do sorriso, e eu, de novo, surja á vida!

De novo, em festas, gárrula e florida,
A alma se rasgue inteira — ampla varanda
Escancarada, de uma e de outra banda,
Ao fresco e á luz, de alegre sol batida...

Parta a lousa ao sepulcro, que a devora ;
E livre, assim, d'essa mortal tristeza,
Desfeita em hymnos, vá pela floresta...

Vá pelo mar. vá pelo azul a fora,
Derramando por toda a natureza,
O pouco de illusões, que inda me resta.

Novembro, 86.

Lendo o " Telemaco "

(A AFFONSO CELSO JUNIOR)

BACCHO, quando pequeno,
Pelo chorudo semi-deus Sileno
Era educado.

Um dia, juntamente,
Buscam, mestre e discipulo, o recesso
Mais escuso, recondito e tranquillo
Do antigo bosque consagrado a Apollo ;
Sitio, onde a luz solar, escassamente,
Com precaução, entre o aranhol espesso
Dos sycomoros filtra ; e, em cujo solo,

Misturadas a sombra e a claridade,
N'um crepusculo vago, arfam confusas...

É este o ameno asylo,
Que entram, propicio a conversar as musas;
Ahi do estio o ardor penetra a custo,
Fresco o recinto, amplo silencio o invade,
Favoravel á scisma, temperado
Pelo barulho alegre da agua, apenas,
Que entre cascalhos se deriva clara,
E as freneticas, doudas cantilenas
Dos ninhos vivos...

Para
Dos deuses estudar a lingua, ao lado
De alto carvalho solido e robusto
Assentam-se ambos...

Era
Um carvalho, que o tempo não pudera
Tombar; que de seu rijo tronco vira
Varões surgir da idade de ouro, e, outr'ora,
Oraculos, solemne, proferira...
Trás d'elle, vê-se um joven Fauno agora;
Bacchô ahi a lição começa, e, attento,
Uns versos em Calliope aprendidos
Recita ao mestre... O esperto e malicioso
Fauno o escuta; e a sorrir, de quando em quando,

A Sileno, o bom velho pachorrento,
Com gestos ia, os erros commettidos
Pelo pueril discipulo, indicando . . .
As Naiades e as nymphas da sagrada
Selva, tambem sorriam zombeteiras
Em roda . . .

O Fauno era um censor gracioso ;
Bella cabeça pampinosa, e ornada
Dos rubicundos cachos das parreiras ;
Qual verde charpa, em linhas sinuosas,
Da espadua varonil, mascula e dura,
Pendia-lhe um festão de heras viçosas ;
E o corpo envolto, abaixo da cintura,
Tinha por feia pelle hirsuta e grossa
De uma panthera, que escorchado havia . . .

Baccho impaciente, emfim, porque não possa
Já supportar, mais tempo, a zombaria
D'esse aristarcho intruso e provocante,
Que prompto sempre a escarnecer estava,
Quando elle, em tono menos elegante,
O verso lia, ou quando o verso errava :
— « Porque ousas tu zombar »; com voz terrivel,
Diz — « de um filho de Jupiter ?! »

Soturno,

Assim fallando, com despeito cerra
O cenho ao Fauno.

E o Fauno por seu turno :
— « Porque ousas tu errar?! », calmo e impassivel
Diz — « Um filho de Jupiter não erra ! »

Dezembro, 86.

Novos Bardos

(A RODRIGO OCTAVIO)

Vós que, na lyra, o languido desmaio
Celebraes das romanticas Virginias,
O amor, as cheias amphoras setineas
Dos lyrios brancos, e as manhans de Maio ;

Eia ! O arrabil marcial, bravos, vibraí-o !
E veremos das orbitas, sanguineas,
Despedirdes colericos, fulmineas,
As faiscas electricas do raio .

Do rijo verso o alfange esplende e corta ;
A vossos pés veremos, gladiadores,
A panthera do mal, rojada e morta ;

Na alma do poeta vôm beija-flores,
Mas tambem seu diametro comporta
A envergadura altiva dos condores.

Maio, 84.

DE certo, eu poderia
A essa mortal paixão
E atroz melancolia
Sobrepôr um nariz de papelão ;

E, rindo e cachinando,
— Excentrico jogral—
Acompanhar o bando
De mascarados d'este carnaval ;

E as jovens damas bellas
Seguindo, em sanha alvar,
O gordo braço d'ellas
Escandalosamente beliscar ;

Ás multidões, nas ruas,
Declamar com vigor,
E com chacotas núas
A gente séria atarantada pôr ;

Pôr o mal, que se embebe
Nos proceres, ao sol,
Offerecendo á plebe,
Com acrimonia, uns frascos de phenol ;

Provocar a quem passa,
Só p'ra me divertir,
E aos logistas, por graça,
Taboletas trocar, vidros partir ;

Sem medo, a honestidade
Affrontar ; e em tropel
Pôr tudo, na cidade,
Levantando uma torre de Babel ;

E, sem ousar tocar-me,
Indifferente e até
Timorato, um *gendarme*
Em cada esquina ver, quedo e de pé ;

(Porque a policia austera
Não se atreve a fazer
O que talvez fizera,
Se eu fosse um fraco e inoffensivo ser.)

Da burguezia os risos
Incitar sobre mim,
Ao tilintar dos guisos
Presos ás minhas roupas de Arlequim ;

Ser como um ebrio, um louco,
Um clown. . . Sinto, porém,
Que o meu soluço rouco,
Por entre as chuvas, se distingue bem.

Minhas lágrimas rolam ;
E as lágrimas, mulher,
O papelão descollam
Da máscara risonha, que eu trouxe.

Agosto, 84.

A Victor Hugo

A muza heroica, enquanto a heroica lança,
Em colera, archangelica e fulgente,
Brande, e de encontro aos déspotas avança
Pé a pé, peito a peito e frente a frente,

Acólhe o nú, o misero, o indigente
Sob a roupa tallar da esparsa trança . . .
Muza ! Para o inclemente, és inclemente ;
Mas para o manso e bom, és boa e mansa !

Como a Jersey do exilio, ilha, em catervas
Rolam-te aos pés os vagalhões marinhos...
Mas no teu verde tôpo brotam ervas,

O musgo cresce e se entrelaçam ninhos ;
E um pouco de agua doce ahi reservas
Para lenir a sede aos passarinhos...

Maio, 83.

O Horoscopo

(M. ROLINAT)

AGONISAVA o sol em syncopes . . . Eu ia
Triste, triste, evocando
Sobre o cancro, que rói minha alma doentia,
O horoscopo nefando. •
Ia crescendo em torno a solidão, e espessas
As sombras se tornavam ;
De uma população de espectros as cabeças
No escuro se agitavam.
Sibilava-me em roda asperrima rajada
De enxofre suffocante.

E era uma estrada immensa a pavorosa estrada,
Que eu seguia, arquejante ;
Bordavam-n'a espectraes rochedos, e, em fileiras,
As arvores se erguiam . .
Noctambulas legiões de cousas agoureiras
Nas trevas se moviam :
E eu, afflicto e a pensar n'essa fatal doença,
Que rõe-me, ia convulso .
Batiam-me febris na pyrexia intensa
As temporas e o pulso ;
Um gelado suor lavava-me copioso
A fronte. De repente
Um phantasma surgio medonho e pavoroso
Na estrada, em minha frente,
E disse-me, com voz cava, funerea e dura :
« O mal que hoje te affecta
É a mesma molestia horrivel e sem cura
De que eu morri, poeta ! . . »

Junho, 83.

A Luiz Delfino

ABANDONAS ás vezes a alta crista
Do pujante Hymalaia, onde te entonas ;
O estrondar do Niagara, e as verdes zonas
Que, de tão verdes, fazem mal á vista ;

Os amplos céos e os largos Amazonas
Selvas rasgando em triumphal conquista ;
E, por Anacreonte, Eschylo—artista—
Do ar baixando, onde pairas, abandonas .

E em vez dos grandes rios, buscas, poeta,
O arroio, em cujas placidas e amenas
Balsas soluça, á noite, o rouxinol ;

Cujas margens Setembro, em flor, marcheta ;
E em cujas aguas molha o cysne as pennas,
E as corças vêm beber, ao pôr do sol .

Março, 85.

O trabalho do diabo

(AUTRAN)

UM dia, esquadrinhando um velho armario—traste
Que comprei de um adelo hebreu n'um canto escuso,
O acaso deparou-me um livro, onde, em contraste
Com o que a Biblia ensina, o Genesis traduzo.

O auctor, como se vê, é pouco reverente
Para o Moysés antigo e para a antiga fé ;
Mas, pelo que traduzo (eu não) elle somente
O responsavel é.

Quando Deus (reza o texto) o Globo ao cahos profundo
Arrancou, onde, immenso, o seu poder se espelha,
Satan passava, e então sobre o esboço do mundo
Volveu o olhar de esguelha.

Salve, Mestre e Senhor! disse elle—que risonha
Vivenda preparaes ás gerações, que vêm!

Mas, consenti que eu ponha

Na vossa ardua tarefa a minha mão tambem.

Seja! Deus disse;—e entrou o Espirito damninho
A elaborar com elle o nosso atroz degredo:—
Deus fez a rosa e o diabo á rosa unio o espinho
Cuja ponta ensaiou logo no proprio dedo.

Um, no arbusto, onde o estio esplendido derrama
Festas e aromas, poz, mavioso, o rouxinol;
Outro, abaixo, poz, como um vomito de lama,
O sapo— ente disforme e orphão da luz do sol.

Deus fez o rude boi—generoso operario
Que comparte o labor dos homens e os sustenta,
E Satan fez a torpe hyena e o sanguinario
Tigre, que de carniça immunda se alimenta.

Deus formou a laranja—o pomo de ouro; o diabo
O cogumelo impuro. Um—de vario matiz
Todos os fructos ; outro—o rabanete e o nabo
Sem flor e que só dão fructos pela raiz.

Em cada producção de Flora e de Pomona
Verten Deus sempre um dom benefico á saude ;
Deus a tilia plantou, Satan a belladona
Para que, em dar a morte, a medicina ajude.

Deus fez a pomba ; o diabo—o morcego e a coruja ;
Aquelle—a primavera : e este—o genio infernal
Da tempestade, afim de que atordê e estruja,
E o vento e os raios—bocca e olhos do temporal.

Deus fez o cão fiel ; Satan, no espelho bello
Das aguas se miranço, azuladas, suaves,
Fez o macaco sobre o seu proprio modelo
E o papagaio, que é o macaco das aves.

Deus, do atticismo o mel dourado prelibando
Que perfumou mais tarde os labios de Platão,
Fez a abelha ; e Satan poz sobre tudo um bando
De moscas a voejar—sonhos da podridão.

Deus o cordeiro fez—symbolo meritorio
Do que ha de tenro, doce e casto neste Globo ;
Mas Satan collocou, sempre contradictorio,
Junto ao cordeiro—o lobo.

Deus fez o homem, emfim, formoso e esbelto escravo
Da rasão... E exclamou Satan : « Bravo ! é mister
Que eu tambem faça agora alguma cousa » :—«e Bravo!»
Deus exclamou :—Satan tinha feito a mulher !

E eil-a, núa, de pé, seu talhe o ouro vestindo
Da cabelleira solta ao vento, o ouro radioso,
Que o vento lhe entornou da frente aos pés, e abrindo
Pleno o labio, a sorrir, de amor, volupia e goso.

E Deus estupefacto em frente á formosura
Da mulher, e ante o seu satânico esplendor,
Disse :—Has de sempre e em tudo, estranha creatura,
Revelar na malicia a unha do teu auctor.

Julho, 86.

A um velho Harpagon

ESSE ar que affectas não me illude ; os brados
Ouço dos teus remorsos, e entre os gelos
Da idade, vejo :—como cogumelos
Brotam-te os vícios mais exasperados.

Velho dos velhos desmoralisados !
Nú de character, como de cabellos,
Que os vesgos olhos tens, de insidia, pelos
Vidros azues dos oculos velados ;

Fossem tuas palavras menos doces,
Menos perfidas sendo ; antes tu fosses
Rude e antes fosses francamente brusco ;

Porém, máo grado á repulsão das faces,
Dentro em ti, uma perola guardasses
Como dentro da casca de um mollusco .

Abril, 83.

O enterrado vivo

(M. ROLLINAT)

IMAGINA, que, após longa noite de orgia,
Vens á casa buscar no somno algum conforto ;
Dormes, mas de manhã, cahindo em lethargia,
Todos te julgam morto !

Tua falsa mulher murmura — felizmente ! —
Palpa-te, acha-te frio ; e, n'um desvelo ingrato,
Para a viagem, que vaes fazer, te traz somente
O teu mais velho fato.

Fica uma vela a arder de tua cama junto...
Saheo todos do quarto ; e a ti, amortalhado,
Deixam tão só, tão só, miseravel defunto,
N'um canto abandonado !..

Tua criada é quem se mostra mais sentida,
Pois de resar se dá ao menos ao trabalho ;
Chega o armador:—propõe, tomando-te a medida,
Um caixão de carvalho ;

Mas o filho, com quem gastaste mais carinho,
Tudo com o armador por vinte soldos trata :
—Para enterral-o, diz, basta um caixão de pinho,
Madeira mais barata ! —

Mas nem no pinho já te encaixam, mas em leve
Choupo, que, tenro e podre, ao peso, estala e entorta;
E «aluga-se esta casa» hão de escrever, em breve,
De tua casa á porta !..

Levantam, balançando-a, essa oblonga bagagem;
E, como sobre um mar estranho que fluctua,
Escada abaixo irás descendo... A eterna viagem
Começa !... Eis-te na rua...

Curiosa multidão fervilha e ondeia fôra,
E, d'entre ella, uns maraus gritarão, sem piedade:
—Irmão ! tapamos já os narizes ; agora
Apodrece á vontade !—

Sendo mal pago, o padre, um latim rude e perro
Gagueja sobre o véo mortuario, que te cobre . . .
E, tristonho, quem vir passar teu pobre enterro,
Dirá :—Que enterro pobre ! . . .

E, pesada, ao ranger da mola ferrugenta,
A sége, que te leva, ha de rodar, tirada
Por máos cavallos, brusca, aos solavancos, lenta,
Morosa pela estrada.

E assim vae, de tropel, ruas, praças cruzando,
Formidavel !... E emfim, por um portal funereo,
Como por uma bocca enorme penetrando,
Entra no cemiterio ! . . .

E em meio d'essa immensa e horrorosa vertigem,
D'entre os que companhia ao tumulo te fazem,
Muitos dirão talvez :—« Estas scenas me affligem,
E nenhum lucro trazem ! »

E agora a cova, como a guela de uma féra,
Mais trêda, que o futuro atroz, que te consome,
Ás escancarar, eil-a, alerta, á tua espera,
Pois vaes matar-lhe a fome.

Do feretro, cada um, nas frias alças pega ;
(Ninguem sabe que és, só, victima d'um ataque!)
E, logo, até o fundo... o feretro escorrega,
Com pavoroso baque!..

Asperso pelo hyssope, á tua humilde tumba
Lançam a terra solta, em montes, junto á campa;
E cada pá de terra, a detonar, retumba
Da tumba sobre a tampa...

Crava o coveiro, após, dois paus atravessados
Á guisa de uma cruz, n'esta cova mesquinha ;
E, rindo, vae beber com tres gatos-pingados
Á tasca mais visinha.

Mas, pouco a pouco, a vaga escura de teu sonho
Da realidade vem bater contra os escolhos ;
E desperto, afinal, deste torpor medonho,
Abres, que horror ! os olhos...

Para as taboas partir da estranha jaula, cobras
Muito embalde, um vigor immenso, extraordinario;
E os braços nem sequer desprenderás das dobras
Do teu longo sudario !

De encontro á tampa, em vão, porás os pés e os hoi
Sem conseguir rachal-a ; e tua alma, vencida,
N'um circulo mortal de horrores e de assombros,
Ha de rolar sem vida ! . . .

E esse incommodo odor da argilla humida e fria,
Da madeira inda nova e das roupas que cinges,
Hão de, por fim, trazer-te aos pulmões a asphyxia,
E a nevrose ás meninges.

O humor que, gotta a gotta, o cimento esponjoso,
Como negra ampulheta, estilla, entre os granitos
Cahindo, formará, n'esse antro tenebroso,
Os echos de teus gritos !.

E esses gritos de horror morrerão sem resposta
E tu, lirto o cabelo, allucinado e inerme,
Crerás ver já, por fim, a carne decomposta,
E em cada póro — um verme . . .

Tardia contricção terás n'estes instantes ;
Em vão : os infernaes espectros do delirio
Vêm com dentes de ferro, agudos, lancinantes
Dobrar o teu martyrio ! . . .

N'essa hora, emtanto, os *teus* teu magro testamento
Chocam-se a discutir sem que em nada concordem :
E um velho tabellião, que chega em tal momento,
Mais augmenta a desordem !

E tu restarás só, nas quinas comprimido
De uma caixa de pau, ao fundo de um buraco ;
Sem halito, sem voz, na mortalha cosido,
Gelido, exangue e fraco .

Sentirás, afinal, a rigidez da morte
Pelos teus membros se ir, aos poucos, estendendo...
Um suspiro a soltar, no angustioso transporte.
Derradeiro e tremendo . . .

A ultima abelha

(C. MENDES)

CHUVAS, trovões, relampagos . . . Maria
De róca e fuso toda a noite véla ;
Subito, ouve um rumor nos vidros, e ella
Ergueu-se, afim de ver o que seria ;

Era um insecto ; exposto á ventania,
Tirita ; a agua da chuva o ensopa e gela,
E as azas, ná vidraça humida e fria,
Bate. Nossa Senhora abre a janella.

Entre dois dedos toma-o. Vê, contente,
No insecto a abelha-mestra de um cortiço;
Recolhe-o ao seio caridoso e quente;

E as duas azas tremulas, vermelhas,
N'um beijo terno enxuga-lhe . . . Sem isso,
O verão não teria mais abelhas.

Versos á memoria de Arthur Barreiros

RARO é, no mundo estulto e charro,
 Que se não vejam
Corpos ^{*} de barro, onde almas sejam
 Tambem de barro.
Mas os que n'elle mal estendem
 Tronco e raizes,
— Feliz especie de infelizes,
 Que aos céos ascendem —

Vão até onde as aguias fazem
Sobre as montanhas
Seu ninho ; e aureolas estranhas
Na fronte trazem ;
E a compreensão têm, sabia e grata,
Da natureza,
Perante a qual a alma surpresa
Se enche e dilata.

Este, a que o mundo olhar e ouvido
Tapa, e detesta ;
Que fala á turba, e é sempre d'esta
Incomprehendido ;
Ante ella, a fronte, onde lhe brilha
Rutilo estemma,
Digna de regio e aureo diadema,
Jámais humilha.
Se a esponja esgota, em sorvos lentos,
Que o humor amargo
Abeberou, do oceano largo
Dos soffrimentos ;
Tambem um sacro fetichismo
O alenta, e, errante,
De sonho em sonho, eil-o em constante
Somnambulismo . . .

Se elle, inda em plena adolescencia,
 Soffre a sombria
E inexplicavel nostalgia
 De outra existencia ;
E a alma lhe róe, voraz, o abutre
 Do ideal horrivel,
Immensuravel e intangivel,
 Que, em si, se nutre ;
A solidão, que uma só restea
 De luz amorna,
Enfeita e doira, a salvo o torna
 De atroz molestia ;
Que apenas pôde haver nos ermos.
 Convalescença
Para a melancolia immensa
 De taes enfermos . .

Ouve a harmonia das espheras
 Solemne ; e estuda
A gestação secreta e muda
 Das primaveras ;
Contempla o oceano amplo e sem raias,
 Sentindo, ufano,
Que ha, dentro em si, um outro oceano,
 Que não tem praias . . .

E apraz-lhe a musica dos ninhos
A' alma de poeta :
— Arvore em flôr, toda repleta
De passarinhos —
D'ella só canticos se exhalam :
— Bem como o aroma
E' a só lingua e o só idioma,
Que as flores falam.

Da gloria o cysne é quem da neve
Da clara pluma,
Forma essa penna côr de espuma
Com que elle escreve,
Molhando-a em tintas singulares
De varias cores,
Tintas de azul, de ether, de flores
E de luares . . .
Faz-lhe palhetas peregrinas
De cada raio
O sol, que ao fresco mez de Maio
Rasga as cortinas,
E aos céos das tardes mysteriosas,
Carmineo e louro,
Franja e acairela as nuvens de ouro,
De prata e rosas . . .

Por tudo tem, que abrange e avista,
 E que o circunda,
 A adoração vasta e profunda
 De um pantheista ;
 E o olhar servil da turba ignara
 E' bem diverso
 Do sabio olhar, com que o universo,
 Que o cinge, encara . .
 Que a morte as rosas da saude
 Desbote e cólha
 E o livro rasgue, folha a folha,
 Da juventude ;
 Os dias d'elle assim decorrem
 Breves, suaves,
 Como os dos lyrios e os das aves,
 Que cedo morrem .

E elle, sem ser a menor queixa
 Sequer gemida,
 Moço e no prologo da vida
 Os olhos fecha ;
 E acceita a morte prematura,
 Como o remedio
 Das almas tristes e do tedio
 Dos sem-ventura ;

Pois que, da dor perpetua gemo,
N'ella, sem custo,
Vê, não fatal castigo injusto,
Mas justo premio ;
Que a vida, ao primo albor da idade,
Lhe atalha e corta,
Mas, par a par, lhe abrindo a porta
Da liberdade. .

E erra em silencio, estranho Hamleto,
Como um comparsa
Indifferente, em meio á farça
Do mundo abjecto :
O orgulho estúpido e covarde,
A inveja vesga,
E o surdo egoismo onde uma nesga
De amor não arde .
Que assim da vida a farça impere
Sobre o tablado
Mundano : já d'ella enfarado,
Morrer prefere.
E morre alfim. Mas não se engana,
Pois só assiste
A' melhor parte d'esta triste
Comedia humana !

Abril, 85.

Musa da morte

(SOBRE A MORTE DE GONÇALVES CRESPO)

DA Morte a mão plutonica e maldita
A Proserpina bella colhe ; e ao fundo
Do negro abysmo, onde o clamor do mundo
Não chega, eil-a a descer . . Treva infinita !

Caos ! Horror ! E eil-a attonita, eil-a afflicta,
Alma errante no Tartaro infecundo,
Em cujos prainos, a escoar, profundo,
O Danubio infernal se precipita .

D'esse aureo plectro vêde as cordas frouxas !
E, na testa, que a morte transfigura,
Vêde essa c'rôa de perpetuas rouxas !

Sulca o rio tartareo . . . E ouvis ? Que maguas
Profundas, longas, a chorar, mistura
Ao longo choro das profundas aguas ! . .

Junho, 83.

Sobre a morte de Hugo Leal

(A ADELINO FONTOURA)

AMIGO! Esses aligeros tenores,
Que papeiam gazis e rouxinolam ;
Esses, e mais o sol, e mais as flores,
São os unicos bons consoladores,
Que no exilio em que vivo me consolam.

Com elles e por elles prophetiso
Abril em breve pelo valle esparso . .
A Primavera vem ; que eu já diviso
Seu virginal e olympico sorriso
Por entre as chuvas ultimas de Março.

Ella, em breve, o avental ha de, fremente,
Profusa, despejar pelas florestas
E pelos campos abundantemente . . .
Não tarda que esta solidão rebente
Toda em laços e pampanos e festas !.

Foi n'essa quadra grande e voluptuosa,
Que um dia o vimos e adoramos, quando
Hugo, a sorrir, co'a mão vertiginosa
Ia as *Rosas de Maio*, rosa a rosa,
Pela existencia afora desfolhando . . .

Lembras-te ? Um dia, fervido, no meio
Dos luxos orientaes da Primavera,
Bateu-lhe mais acelerado o seio . . .
Porém . . . foram-se as rosas com que veio,
E elle com ellas foi, como viera ! . . .

Voltam as flores, e elle não ! Não ha de
Dourar jamais essa cabeça loura,
Fresca de sonhos e de mocidade,
O mesmo sol e a mesma claridade,
Que a juventude d'estes campos doura !

Sua amante ao voltar, ai ! como eu sinto
Que não encontre mais quem tanto amou-a ;
E ouça do seu epithalamio extinto
Sómente um coro de échos mal distincto,
Como um rio sonoro, que se escôa .

Como eu sinto, que em torno á nossa mesa,
Onde elle tantas vezes nos sorrio,
A Primavera, a flor da natureza,
Nas bodas da alegria, com tristesa,
O logar de seu noivo ache vasio !

Itapetininga — Março, 83.

Sobre as Manhans do Estio »

(À MEMORIA DO POETA JORGE RODRIGUES)

A' QUELLE, cujo espirito arroubado,
— Condor frechado por ignota setta —
Ala-se, á fria luz dormente e quieta
Das estrellas, ao ninho azul sonhado ;

Tu, Musa de ar excentrico e magoado,
Não lhe apparelhas, tu, Musa do poeta,
Um thalamo entre rosas ; mas, discreta,
Entre goivos o tumulo ignorado . . .

D'essas manhans, ironica e funesta,
Flores da juventude e da alegria
Tu semeaste, entre as risonhas galas ;

Mas do vento, que, na harpa da floresta,
Guáia e soluça, antes do fim do dia,
Veio o primeiro sopro desfolhal-as .

Setembro, 86.

Mater

(C. MENDES)

DEUS, quando quiz fazer o homem, não foi buscar
A argilla de que o fez a um unico logar ;
Para esse fim buscou o barro, que disperso
Havia, pelos quatro extremos do Universe :
— Ao Sul, onde o brazeiro ardente do areal
Ao Capricornio fulge ; a Leste, onde um sendal
De luz e rosas traja a Primavera, e abate,
Rôto em flores, no solo, o esplendido açafate ;
Ao norte, onde, afiando as navalhas glaciaes,
Punge a invernada ; e a Oeste, onde rugem brutaes

Tufões, e a rebombar, rolam de fragua em fragua
Nuvens prenes de fogo, e estoura a tromba de agua...
E assim, ao Norte, a Leste, a Oeste e ao Sul, Deus quiz
Buscar a argilla, afim de que em nenhum paiz
Do Globo, e em parte alguma o pó da sepultura
Não desconheça nunca ao triste, que o procura ;
Nem pergunte jamais a terra, com desdem,
Ao cançado viajor, quem é, nem d'onde vem ;
Mas, como a um filho, o acceite, e, maternal o acoite
No seio, onde o homem durma a «eterna boa noite».

Agosto, 86.

Soror Pallida

BEM haja inda esse raio solitario
Da luz, que, tanta, em mim resplandecia ;
Esse que — unico e triste alampadario —
As ruinas d'esta alma inda alumia ;

E a piedosa visão, que, ante o sacrario
Da antiga fé, ajoelha-se, sombria,
E, pelas negras contas do rosario,
O rosario das lagrimas desfia ;

Bem haja essa, que, pallida e marmorea,
Do amor extincto inda soluça o nome,
Debulhando-lhe as syllabas ao vento ;

E inda depõe no tumulto, onde a gloria,
O sonho, a vida, a luz . . . tudo se some,
Uma flor, uma phrase, um pensamento.

Julho, 86.

Luizinha

(A GASPAS DA SILVA)

A Luizinha é garrula e ridente !
Nunca está quieta. A todo o mundo encanta
Seu malicioso olhar inteligente.

Sorri, doudeja, papagueia e canta . . .
Como que, louco, um rouxinol não cessa
De gorgear-lhe dentro da garganta.

Ardem-lhe n'alma candida e travessa
Sóes e festas. A idade lhe colora
A face, e aloira-lhe a infantil cabeça.

Eu vejo-a nos jardins ás vezes, ora
Brincando, ora fugindo, ora correndo
Por áleas, cheias de festões, afora. . .

Vejo-a, e cuido uma dryade estar vendo,
Por entre os claros de uma selva basta,
Apparecendo e desaparecendo .

Ella me delicia, ella me arrasta
A idéa, por suavissimo declivio,
Ao valle azul de uma poesia casta.

E ora vejo-a, a ameigar, como um allivio,
O Avô — ancião de rosto austero e duro,
De niveas barbas e cabello niveo — ;

É como, n'um dialogo, o Futuro
Junto ao Passado encanecido, ou como
Uma violeta aos pés d'um velho muro.

Fita-a a Mãe com ternura e, assomo a assomo,
Reproduzida vê sua alma inteira
N'este gracioso e pequenino tomo.

Uma essencia balsamica e fagueira
O seu jasmineo corpo, em torno, expira,
Como a flor virginal da laranjeira.

E ella, quando os dois olhos de saphira
Duas amendoas lucidas, lavadas
De luar, para mim vira e revira,

Eu, ás regiões sidereas, constelladas,
Lhe ascendo, pelos raios da pupilla,
Como por mil esplendidas escadas ;

Sua luz, vae-me ao intimo, tranquilla . . .
Tal, no fundo de um pantano, uma estrella
Buliçosa reluz, languida oscilla . . .

Belleza ingenua ! Ingenuidade bella !
Como realçaria, romanesca,
No claro-escuro de uma alegre tela !

Sua risada trina pittoresca ;
E é cada beijo seu, para os sedentos,
Como um limpido copo de agua fresca.

Como vaga que, em musicos accentos,
Arqueja em margens de nacár, lhe arqueja
A voz na bocca, em murmurinhos lentos.

Franze-lhe o fino labio de cereja
O riso ; a dor jámais . . Trefega e linda
Papeia, e, sem parar, arfa e moureja.

Moureja, e aquelle mourejar não finda ;
E aquelle afan de jubilo, em que estúa,
Para findar é muito cedo ainda.

Entre espumeos lençóes, raios de lua,
Frouxeis de nuvens e halitos de flores,
O seu gentil espirito fluctua .

E, nos deslumbramentos e esplendóres
Da infancia, um turbilhão borboleteia
De prismaticos sonhos furtacôres ;

Multiformes visões . . . tudo lhe ondeia
Na alma. Bem longe d'ella, ó Realidade,
Teu pavoroso pelago estrondeia ! . . .

Tagarella e sorrí. . . Como não ha de
Rir e tagarellar, se és tão risonha
O' primavera da primeira idade !

Da vida a róta é arida e enfadonha,
E emquanto a nós, a raiva nos abraza
E nos devora a colera, — ella sonha !

Da tua filha, amigo, a debil aza
Nunca te falte ; é teu broquel : — Luiza
É o anjo tutelar de tua casa.

Como é fraca, entretanto : quasi a pisa,
Quasi a machuca o matutino e leve
Sopro de leve e matutina brisa ;

A aza da abelha, o fróculo da neve,
A cousa emfim que a gente mais estime,
Por dôce e fragil, por macia e breve ;

A perola, o alfinim, a haste do vime,
A filigrana mais custosa e rara . . .
Quanto ella é debil, nada d'isso exprime.

Nada !. Nem ha constellação mais clara,
Nem iris mais benigno que a esperança,
Que os labios seus de risos aljofára.

E o que é que do candor d'esta criança
Daria idéa ? E idéa o que daria
D'essa medrosa e angelica esquivança ?

Lembra um passaro quando principia
As azas a bater ; lembra uma corça
Branca e selvagem, timida e bravía.

É fraca ; mas não ha quem se não torça,
Por mais forte, perante essa fraqueza :
Se essa fraqueza é toda a sua força !

Ante o perigo, ás vezes a incerteza,
Mais que a incerteza mesmo : a inconsciencia,
É do indefeso a unica defeza.

Vence-a a desgraça ? não ; ella é que vence-a
E d'ella corre, e até nem corre : vóa,
Porque não faltam azas á innocencia.

Orna-a dos risos a infantil corôa,
E fulge, mais do que uma de brilhantes,
Essa de risos, de que a idade ornou-a.

Do futuro vislumbra as faiscentes
Longes payzagens, mundos accendidos
Aos fogos de crepusculos distantes .

A illusão de luciferos vestidos
Traja-a, rútila, em roda se lhe entorna,
Véla-lhe os olhos e enche-lhe os ouvidos.

Por isso o céu, que a tempestade adorna
De nimbus, e onde os vendavaes estrugem,
Ante ella, todo em rosicler se torna ;

O mar, em vagas que espunando rugem,
Sobre os parceis, onde estrebucha e brama,
Cóspe a salgada e livida babugem,

Porém, captivo, os seus coraes em rama,
E todo o seu recondito thesouro :
Perolas e âmbar. a seus pés derrama ;

Calmando os brados e afrouxando o chôro,
Amaina o vento a perpassar os dedos
Dos seus cabellos pelas ondas de ouro ;

E, freneticos, pelos arvoredos
Soam trinos e beijos, em cardumes
Turturinos, purissimos e ledos . . .

Vida illusoria ! O coração resume
Tudo o que é casto e bello ; e é como um frasco
De inalterado, oriental perfune ;

N'elle jámais se aninha odio, nem asco.
E tudo isso no nosso jaz, occulto
Como um sapo na brecha de um penhasco !

Em nós o orgulho augmenta e toma vulto,
N'ella a doçura toma vulto e augmenta :
A infancia, amigo, nos merece um culto !

Tu, em batalhas vives, e a sangrenta
Luz de teu gladio os cenhos iracundos
Dos monstros que combates, afugenta ;

Pela egualdade e o amor — esses dois mundos
Que amas, rugido tens contra a matilha
Dos hydrophobos despotas immundos ;

Não te vencem ! . . No entanto, a tua filha,
Cujo alvo olhar no fundo de tua alma,
Como no fundo de um sacrario, brilha,

Doma-te, ó bravo ! A pequenina palma
Da mão d'essa Dalila pequenina
Tolhe-te os pulsos e o furor te acalma .

Tua tempera é rija e adamantina ;
Não te domina o audaz Candido Rosa
E esta *candida rosa* te domina :

Não faz, amigo, o que ella faz, nem gosa
Do que ella gosa a cafila damminha !
Mansa leôasinha valerosa . .

Vê como é forte a fraca Luizinha !

Incoherencia

QUEM faz o grilho em que a alma sinto presa,
Ao mesmo tempo doce e amargurado,
Como um myxto de jubilo e tristeza,
De lagryma e sorrir, de dor e agrado ;

Quem mais estreita torna-me a estreiteza
Do carcere em que vivo encarcerado ;
É de que sou feliz esta certeza,
Esta certeza de que sou amado.

Amando, ergueste-me a alma, e tanto, que ella
Junto á tua tão alto e tão por cima,
Estremece, a abranger tudo o que abrange :

Sou feliz, sou amado ! e, emtanto, ó bella !
Como este ser feliz me desanima !
Como este ser amado me constrange !

Junho, 83.

Lodo e Estrellas

(DURANTE UMA GRAVE ENFERMIDADE)

N'ESTE Caspio sem marulhos,
Sem macaréos, quieto, quieto,
Em vão brota o lodo infecto
Só venenosos tortulhos ;

E despovôa os casebres
Visinhos, lançando aos ventos
Os miasmas pestilentos
Do carbunculo e das febres ;

Em vão sobre elle bafeja
A peste, e, na superficie,
Boia a nata da immundicie
E zumbe a mosca-vareja ;

Ferve o enxame dos immundos
Vibriões, filhos da lama,
— Deliciosissima cama
Dos farroupas nauseabundos —

Pelas margens e por cima
Os torpes sapos coaxando,
Sobre o charco pulam, quando
Acaso alguém se approxima. . .

Em vão ; que Deus não esquece
As cousas mais vis ; portanto
Sobre esse putrido manto
Batendo, o sol resplandece.

N'elle os olhos azues cravam
As estrellas vacillantes,
Que em aguas taes repugnantes,
Sem repugnancia se lavam ;

E tambem n'elle se banha,
Em horas mortas, a lua,
Como a Willis toda nua
Das legendas da Allemanha.

Nem sempre elle espelha a peste,
Que ás vezes n'elle os fulgores
Dos iris e as sete cores
Se estampam do arco celeste.

Deus véрте a flamma siderea
Na escura e tabida vasa,
E a entranha infecunda abrasa
Da podridão deleteria ;

Dá-lhe a luz, sem convertel a
Na luz ; pois jamais de todo
Deixa o lodo de ser lodo,
E a estrella de ser estrella !

Mas basta a luz n'ella accesa
P'ra que o barro vil reflecta
D'aquella flamma infinita
Toda a infinita grandesa.

Peregrinas

VEJO-AS inda passar, pallidas, bellas ;
Ouço-lhes inda as vozes amorosas,
Fallando aos valles :— que estendal de rosas !
E aos céos fallando :— que porção de estrellas !

Almas em flôr, e resoando n'ellas,
Doce, a guzla das aves, em radiosas
Manhans ardendo em purpura, e, cheirosas,
A orvalhar-lhes as candidas capellas. . .

Iam atraz de uma illusão, de um ninho,
De uma nuvem, de um echo... e, já prostradas,
Vejo-as todas em meio do caminho ;

Chora-as o sol das mesmas alvoradas ;
E eil-as dormindo, ao generoso vinho
D'essas lagrimas de ouro embriagadas.

Março, 85.

A panthera negra

(LECONTE DE LISLE)

(A LUCIO DE MENDONÇA)

UM luar rosicler surge, as nuvens tingindo
De que a Leste o horisonte inteiro sé enche e entulha
E a noite, o atro collar de perolas partindo,
Sobre o mar se debulha.

Rasgam-se de ouro e luz em cambiantes fitas
Os céus, que o matinal nevoeiro mal empana,
E o diluculo sobre as aguas infinitas
Sangue e fogo espadana . . .

Dos bambús, dos letchis de fructos purpurinos
É de onde o calambuco incensa e a canelleira,
O rório espirra ao sol em feixes crystallinos
E em scintillante poeira .

Fresco barulho sae das arvores, das flores,
Das pedras . . . Rolam no ar fulvas ondas cheirosas,
Plenas de eccos joviaes e energicos odores
De essencias voluptuosas .

Por ermas trilhas, onde o hervado á luz do dia
Fuma espesso, e em torrente argentina, resôa
A agua viva, que sob esplendida arcaria
Do junco indiano escôa . . .

A rainha de Java aos antros subterraneos
Regréssa, onde deixara os filhos esfomeados
Entre ossos nús de carne, esqueletos e craneos
De animaes devorados;

Marcha ondulando, e o olhar como um virote agudo,
Crava inquieta na sombra, onde resona o vento ;
Mancha-lhe um sangue vivo e inda fresco o velludo
De seu pello opulento ;

De um veado que, ha pouco, em postas fez na caça
Roja um quarto a sangrar, na crua fauce o prende
E um rastro longo, atraz de si, por onde passa,
Quente e purpureo estende.

Volitam-lhe em redor borboletas e abelhas
E esfloram-lhe á porfia o dorso; e nos atalhos,
Que pisa, a selva entorna as gravidas corbellias
De aromas e de orvalhos;

Curiosa e ao mesmo tempo assustada, a serpente
Para vel-a passar ao longe pela matta,
D'entre uma sarça, astuta e precatadamente,
Ergue a cabeça chata.

No emtanto, a féra vae, galhos, troncos quebrando
E após, no seu covil entra e desapparece;
Tudo é silencio, o ar queima, e, inteiro, em luz nadando,
O sertão adormece...

Maio, 85



INDICE

INDICE



	PAG.
* * *	7
Um soneto de Lope de Vega.....	9
Temor	11
Desdens	13
Cerulei Oculi.....	15
Chuva e Sol.....	19
Aspasia	21
O somno de Leilah.....	23
(J. Richepin).....	25
Noites de Inverno.....	27
Um trecho de H. Heine.....	29
Na Primavera.....	33
Sob o chuveiro de ouro	35
Aria nocturna.....	37
A Venus de Vienna.....	39
Passeio Matinal.....	41
(V. Hugo)	43
Lembrança	47
O Espelho de Anacreonte.....	49
Despedidas.....	51

	PAG.
O Camelo e o Corcunda.....	53
Apostrophe de um beerrão ao sol.....	55
A uns 66 annos.....	57
Noite de chuva	59
Lyra de Orpheu.....	61
A Saudade.....	65
(V. Hugo).....	67
Payzagem Polar.....	69
Paraphrase.....	71
Fantina.....	73
Pesadelo de Emma.....	75
O Monge.....	79
Mugitusque Boum.....	81
No Outono.....	85
O orgulho	87
Tumulo Aereo.....	89
Um numero de intermezzo.....	91
Na Tasca.....	93
Anacreontica.....	95
Na Ponta de Uma Flecha.....	97
Childe Harold	99
Fascinação.....	101
Sobre Schopenhauer.....	103
O Misanthropo.....	105
Job	107
Sobre a effigie de uma santa.....	111
Flauta do Outono.....	113
A Horacio Flacco.....	115
O Filho da Cleopatra.....	117
A Filha do Coveiro.....	121
Æstuat Infelix	123

	PAG.
Elmani Tabernula.....	125
Versos a Stenio.....	127
Os argonautas.....	131
Versos a um artista.....	133
Renascimento	143
Lendo « Telemaco ».....	145
Novos Bardos.....	149
De certo eu poderia.....	151
A Victor Hugo.....	155
Horoscopo	157
A Luiz Delfino.....	159
O trabalho do Diabo.....	161
A um Velho Harpagon.....	165
O Enterrado Vivo.....	167
A Ultima Abelha	173
Versos á memoria de Arthur Barreiros.....	175
Musa da Morte.....	181
Sobre a morte de Hugo Leal.....	183
Sobre as Manhans do Estio.....	187
Mater.....	189
Soror Pallida.....	191
Luizinha	193
Incoherencia.....	203
Lodo e Estrellas.....	205
Peregrinas	209
A Panthera Negra.....	211



ULTIMOU-SE A IMPRESSÃO

NOS

PRELOS DAS OFFICINAS TYPOGRAPHICAS DE
MOREIRA MAXIMINO & C.

em 20 de Junho de 1887.

Do mesmo auctor :

PRIMEIROS SONHOS.....	1879
SYMPHONIAS.....	1885



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).